

A realização de um...
falta e a mente prosseguente
paralisa no princípio de uma
proxidade." (Luis Sturane, 1949. SS.
... preliminar, porque da ~~idade~~
e uma expectativa sobre um
futuro ainda ~~dele~~, depois,
sobretudo, porque se precipitamos
para encerrar o ciclo de re-
proxidade, a mão ~~de~~ não
ca a se estender ao por fim
do grupo. ~~temos~~ fechada (e po-
sivido por isso um valor fun-
cional) a não ultrapassa famo-
esta forma ~~de~~ das plantas proce-
não será que um pequeno ciclo, de
duas alturas [indistintas] sempre
em lugar de compreender um grande
ciclo ~~de~~ (Troca

ROBERTO CARDOSO DE OLIVEIRA
PROFESSOR EMÉRITO DA UNICAMP

GUITA GRIN DEBERT (org.)

ROBERTO CARDOSO DE OLIVEIRA
PROFESSOR EMÉRITO DA UNICAMP

IFCH/UNICAMP

1999

© 1999 by Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
da Universidade Estadual de Campinas
Caixa Postal 6.110 – Campinas – SP – Brasil - 13083-970

Diretor do IFCH: Paulo Miceli - Diretor Associado: Rubem Murilo Leão Rêgo
Coordenação de Cursos de Pós-Graduação: Leila da Costa Ferreira - Sub-
Coordenação de Doutorado em Ciências Sociais: John Manuel Monteiro -
Sub-Coordenação de Pós-Graduação em Antropologia Social: Heloísa
André Pontes - Sub-Coordenação de Pós-Graduação em Ciência Política:
Rachel Meneguello - Sub-Coordenação de Pós-Graduação em Sociologia:
Marcelo Siqueira Ridenti

Projeto gráfico/Editoração/ Capa: Marilza A. Silva

Publicações: Marilza A. Silva, Magalí Mendes e Maria das Graças Almeida

Gráfica: Sebastião Rovaris, Marcos J. Pereira, Luiz Antonio dos Santos, Marcilio
Cesar de Carvalho, José Carlos Diana e Leontina Marques Segantini

Impressão: Gráfica do IFCH/UNICAMP

R54

Roberto Cardoso de Oliveira; Professor emérito da UNICAMP /
Guita Grin Debert, organizador. - - Campinas: SP : UNICAMP,
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 1999.
95 p.

1. Oliveira, Roberto Cardoso de, 1928-. 2. Antropologia – Brasil.
3. Antropologia – Estudo e ensino. I. Debert, Guita Grin.
II. Título

CDD-301

Catálogo na Fonte - Biblioteca do Instituto de Filosofia e Ciências
Humanas - UNICAMP
CRB nº 08/3387 - Cecília Maria Jorge Nicolau Consul

SUMÁRIO

Guita Grin Debert, <i>Apresentação</i>	5
Carlos Brandão, <i>Anotações de campo a respeito do professor</i> <i>Roberto Cardoso de Oliveira</i>	9
Roberto Cardoso de Oliveira, <i>Discurso de agradecimento</i>	17
Roberto Cardoso de Oliveira, <i>Antropologias periféricas “versus”</i> <i>Antropologias centrais</i>	25
Roberto Cardoso de Oliveira, <i>Anexo – Curriculum vitae</i>	51

APRESENTAÇÃO

*Guita Grin Debert**

Em 19 de março de 1998, foi outorgado ao professor Roberto Cardoso de Oliveira o título de Professor Emérito da UNICAMP. O Departamento de Antropologia ao iniciar esse processo, mais uma vez procurou expressar publicamente a honra e o privilégio que é poder contar com sua presença nos quadros da nossa instituição e o desejo de que ele continue participando ativamente da vida intelectual do nosso Departamento.

Esta publicação tem como objetivo divulgar para um público mais amplo os discursos produzidos naquela ocasião: a saudação de Carlos Brandão, feita em nome dos antropólogos na sala do Conselho Universitário; os agradecimentos de Roberto Cardoso de Oliveira; e a conferência que ele realizou logo a seguir no auditório do IFCH.

Esta é mais uma homenagem que complementa a coletânea organizada por Mariza Corrêa em colaboração com Roque Laraia, publicada pelo IFCH em 1991, para comemorar os sessenta anos do nosso querido professor. Os artigos preparados por seus antigos alunos e orientandos e por colegas e amigos para compor aquela publicação abordaram diferentes aspectos de sua carreira intelectual e acadêmica. Contudo, há um consenso entre os antropólogos de que a marca distintiva de Roberto Cardoso de Oliveira foi saber combinar vivamente

* Chefe do Departamento de Antropologia do IFCH/UNICAMP.

áreas de atuação que, na maioria das vezes, separam os nossos profissionais: a produção científica rica que se expressa em inúmeros livros e artigos com as qualidades de pesquisador de campo; o antropólogo interessado no desenvolvimento teórico da disciplina, o militante da causa indigenista e, especialmente, o educador preocupado em formar novos recursos humanos capazes de assegurar o interesse e o impacto da nossa Disciplina no âmbito das Ciências Sociais.

Como assinala Roque Laraia, na coletânea de 1991, nosso homenageado teve uma participação central no conjunto de mudanças que levaram à substituição do período em que imperava o autoditadismo nas ciências sociais por outro em que essa formação está claramente institucionalizada.

Sua trajetória no ensino da antropologia foi marcada por procedimentos que lançaram as bases do caminho a ser trilhado pelos antropólogos brasileiros. Um número expressivo de seus alunos no Museu Nacional se engajou em pesquisas que caracterizam boa parte da antropologia tal como é feita no Brasil, ocupando posições centrais na constituição de outros centros de pesquisa e de pós-graduação.

Além disso, sua participação ativa em agências de incentivo e financiamento de pesquisa e nas associações científicas - como é possível ver em seu curriculum vitae aqui reproduzido - foi fundamental para a implementação de políticas voltadas para o desenvolvimento da antropologia no país.

Não se pode, portanto, tratar da institucionalização da nossa disciplina no Brasil sem levar em conta suas iniciativas e, por isso, a imagem de criador e consolidador de instituições está estreitamente associada a sua pessoa.

Os 13 anos de atividades na UNICAMP revelam novas facetas deste dinamismo, que também não se recusa a experimentar fórmulas

capazes de aperfeiçoar as coisas que se imaginava completamente consolidadas.

Na UNICAMP, seu esforço esteve concentrado especialmente no Doutorado em Ciências Sociais: um projeto inédito de ensino e pesquisa, organizado em função de áreas temáticas que ressalta a importância de uma interlocução mais efetiva e intensa das disciplinas voltadas para a construção de teorias sociais.

O ímpeto inovador de Roberto Cardoso de Oliveira é particularmente importante num contexto em que as práticas universitárias recentes têm sido marcadas pela emergência do que Marilyn Strathern denomina de a "cultura da avaliação". Esta expressão serve para caracterizar a proliferação de procedimentos, para avaliação do desempenho das instituições do ensino superior, que têm mobilizado as universidades nos países da Europa. Estes procedimentos envolvem uma definição prévia e externa às universidades das funções sociais que elas devem desempenhar. Critério criados pela necessidade de medir o desempenho das universidades acabam se transformando em finalidades do mundo acadêmico. Os controles de qualidade do ensino e da produção científica passam a exigir que seja replicado numa instituição o que é feito nas outras. Os trabalhos desenvolvidos em cada unidade devem ser descritos através de uma série de elementos que o avaliador possa reconhecer, e se estes elementos não estiverem presentes o programa avaliado de fato não existirá porque não haverá uma linguagem apta a medir seu desempenho e produtividade.

Os auditores, como mostra Strathern, baixaram os créditos da Universidade de Cambridge considerando que o relatório por ela apresentado não anunciava com clareza quais eram as suas finalidades e o modo como suas atividades eram organizadas para atingi-las. Para os avaliadores, Cambridge tinha uma compreensão informal do

que era a qualidade acadêmica, posto que seu sistema de cursos e provas não obedecia a um programa de procedimentos claramente desenhado.

Ninguém duvida de que é preciso avaliar o desempenho das instituições de interesse público. Sabemos que muitas coisas vão mal na universidade e que não podemos ser complacentes com elas.

Mas o que Roberto Cardoso de Oliveira tem mostrado é que a avaliação não deve ganhar uma vida própria de modo a ferir a essência da vida acadêmica. É parte fundamental do nosso métier conviver com visões distintas e conflitivas sobre quais são as finalidades sociais das universidades, aceitando que elas devem atuar, simultaneamente, em múltiplas arenas.

A institucionalização da Antropologia certamente permitiu a ampliação do escopo da disciplina em proporções que o autodidatismo jamais teria possibilitado. É próprio da institucionalização incentivar a qualidade e a produtividade do ensino e da pesquisa. Contudo, Roberto Cardoso de Oliveira tem nos ensinado também que a produtividade não pode bloquear o debate, os desacordos, a criatividade e a inovação. É preciso estimular projetos cujo desenrolar envolve etapas que não podem ser medidas pela camisa de força dos controles criados pela necessidade de avaliação. São esses espaços que, na maioria das vezes, mostram-se propícios para estender ao máximo nossos horizontes intelectuais, morais e imaginativos e, portanto, devem ser preservados.

Por todas essas lições - que nos obrigam a desafiar os limites do autodidatismo e da cultura da avaliação - e que foram ministradas com tanto carinho, queremos que Roberto Cardoso de Oliveira permaneça conosco.

ANOTAÇÕES DE CAMPO A RESPEITO DO PROFESSOR ROBERTO CARDOSO DE OLIVEIRA

VILA DE BARÃO GERALDO/CIDADE UNIVERSITÁRIA ZEFERINO VAZ
19 DE MARÇO DE 1998 (DIA DE ENCHENTE DE SÃO JOSÉ, DE ACORDO
COM CRENÇAS TRADICIONAIS DO CAMPESINATO BRASILEIRO)

*Carlos Rodrigues Brandão**

Eu me lembro das coisas, antes delas acontecerem
João Guimarães Rosa
Grande Sertão, Veredas

Dado que estas anotações em princípio serão destinadas ao meu uso pessoal, quero dar a elas, como de meu costume, um tom bastante pessoal. Mesmo que venham a ser lidas por outras pessoas, ou que em algum momento eu venha a lê-las para outras pessoas, este tom carinhosamente confessante também seria o mais adequado.

Falo de lembranças e sobre elas. Falo a partir de minhas memórias a respeito de um professor com quem eu e tantos outros companheiros de ofício aprendemos, há muitos anos e até agora, bem mais do que apenas teorias e métodos da Antropologia Social. De quem aprendemos, ao mesmo tempo, o saber da ciência, o sabor da paciência em buscá-la com afinco, sem tréguas, e o valor de uma atitude pes-

* Professor do Departamento de Antropologia do IFCH/UNICAMP.

soalmente ética. Uma dessas maneiras de ser que resgatam para o saber da ciência tudo o que ela deve ter de profundamente humano. Bem sei que em nosso tempo e por toda a parte isto de “ser professor” parece que ficou pequenino. Parece que virou uma vivência comum e que apenas muda de valor quando adjetivada com palavras como: “intelectual”, “antropólogo”, “cientista” ou “pesquisador”. Sempre que eu me lembro dele, vejo Roberto Cardoso de Oliveira como uma pessoa que ao longo da trajetória de sua carreira, quis subordinar todos os outros títulos profissionais a este de sua verdadeira vocação: ser um professor.

Sei de feitos que me foram contados, sei de outros que ele mesmo narrou. Sei do que eu compartilhei com ele, primeiro na Universidade de Brasília, depois, aqui nesta casa, ao longo de tantos anos. Falo destas lembranças e me reconheço escrevendo para mim mesmo como quem testemunha, mais do que apenas descreve. Acho que muito poucas pessoas de nosso mundo acadêmico foram tão quotidianamente fecundas. Roberto foi um criador de cenários de trabalho docente e de pesquisa. Estranha vocação de um professor. De um docente que amorosamente branqueia a barba e os cabelos entre o quadro-negro e a equipe de alunos, sendo tão avesso ao poder, mesmo o transitório poder acadêmico, e sendo tão persistentemente um criador de espaços de realização da única coisa que de verdade interessa viver na Universidade: o diálogo de experiências e de idéias ao redor do conhecimento partilhado e, portanto, solidariamente gerador de expressões criativas e úteis de saber científico ou do mundo das artes.

Por toda a parte ele deixou “programas” consolidados, entre o Mestrado em Antropologia Social do Museu nacional e o Doutorado em Ciências Sociais da Universidade de Campinas. Seria um exagero escrever aqui que toda a tradição de uma Antropologia consolidada aqui no Brasil, principalmente em bons programas de pós graduação,

tem a marca direta de suas mãos, ou guarda de longe os sinais de seu estilo? Eu acho que não.

Mas aí é que está. Este professor inveterado criava cursos, investia em administrações, fundava revistas, gerava programas de pesquisa sempre muito importantes, sem deixar de estar sempre fazendo o devem fazer os professores: dar aulas, orientar alunos, conviver com equipes docentes e discentes de pesquisa. Isto é, partilhar ininterrompidamente o seu saber com o dos outros. Em tempos em que não raro lutamos por conseguir tantas licenças e tantos sabáticos para, livres dos alunos e da sala de aulas por alguns meses de Paraíso, fazermos as nossas pesquisas, eis que o velho professor Roberto inventava, sempre que podia, ir “para o campo” com os seus alunos. E, então, mesmo a pesquisa levava para o meio da aldeia de alguns ticuna ou terena a própria sala de aulas da universidade. Roberto da Matta, Júlio César Melatti e Roque Laraia têm um delicioso repertório de histórias a respeito.

Quero lembrar isto e deveria grifar com um lápis vermelho. Entre todos os cenários de trabalho da Antropologia Social que compartilhei com tantas pessoas, o professor Roberto viveu certamente todas as experiências possíveis. Viveu-as de uma maneira muito rigorosa e criativa, ao mesmo tempo e o tempo todo. Ele sempre foi um homem sem tréguas. Uma dessas pessoas que parecem estar sempre querendo recomeçar as coisas que a gente acha que já estão prontas. Um desses companheiros de ofício que às vezes tornam uma reunião de Departamento exasperante, porque, entre assuntos leves e importantes, tudo tem que passar por um exame inflexível.

E hoje, eu acredito que esta desesperada capacidade de criar e de propor aos outros uma difícil criação coletiva em qualquer campo do nosso trabalho na Universidade, deve ser posta na conta de uma idéia fixa. De uma imagem fixa, guiadora de todos os gestos, os pe-

queninos e os grandes. Uma verdadeira obsessão: estar sendo sempre professor, o tempo todo. Estar pensando sempre do ponto de vista do professor, do intelectual de sala-de-aula. Dessa preciosa rara espécie em perigo de extinção, que parece que não consegue pensar se não for com os outros, através dos seus alunos, dos seus orientandos e até mesmo, quando necessário, dos seus pares, colegas de ofício.

Se eu quisesse me lembrar de alguém para quem a idéia de “dar aula” estivesse impregnada de um sentido de dever exagerado e, ao mesmo tempo, de um desejo de um raro prazer, um prazer de ofício quase mais sensível e interativamente dramático do que apenas intelectual, esta pessoa é o professor Roberto. Ele chegava a Ter às vezes péssimos costumes. Por exemplo, quase todo o professor começa a aula meio atrasado e acaba na hora, ou um pouco antes. Pois ele tinha a mania de ser pontual só na hora do começo. Começava a aula, o seminário de pós ... e esquecia. Se pudesse dobraria o tempo, como essas pessoas que quando gostam de um filme o assistem duas vezes seguidas.

Pois aí está um pensador da ciência cujas idéias revisitam teorias e criam novos modos de pensar, não apenas nele e para ele ... e que os outros aprendam lendo os seus trabalhos. Mas um pensar em voz alta antes de ser escrito, e depois, vivido com os outros, repartido já na troca do momento da teoria nascente, com gerações de todos nós, os seus alunos, os seus orientandos, seus amigos.

Me lembro agora. Tenho comigo até hoje uma cópia original de minha dissertação de mestrado. Pasmem os usuários da informática. Ela foi toda datilografada com uma pequenina máquina Olivetti Lettera portátil, que eu um dia comprei no Panamá por cinquenta dólares. Guardo até hoje a máquina e a cópia da dissertação. Aos meus alunos cuja capacidade de pensar vacila ou mesmo estaciona no exato momento em que entra um vírus no computador que estão utilizando, gosto de mostrar aqueles objetos arqueológicos.

E quando um deles protesta contra um possível exagero em minhas leituras de seus escritos, às vezes penso: “ele não sabe o que é isso” . E a alguns, raros, mostrei algumas folhas revistas e anotadas pelo professor Roberto, em uma distante Brasília do começo dos anos 70. Folhas da minha dissertação sobre negros em Goiás. Se o assunto eram negros, mais negras eram as inúmeras anotações a lápis, cuidadas, severas algumas, esparramadas do começo ao final de cada página. Pois o professor Roberto lia tudo. Lia as linhas e as entrelinhas, as palavras e os silêncios. Lia a minha pobre teoria e os meus muitos dados. Raios! Eu acho que, como o jagunço do Guimarães Rosa, ele conhecia as coisas antes delas acontecem. Depois de uma criteriosa longa observação a respeito do uso indevido de um conceito da teoria estruturalista, ele podia gastar 20 minutos observando o uso indevido de minhas vírgulas em um texto antropológico. Isto aconteceu mais de uma vez.

Tínhamos entre nós, os seus indormidos e felizardos orientandos, um pequeno segredo de relações humanas na pós-graduação que transmitíamos de uma geração a outra. Era mais ou menos assim: “você deixa ele falar até o fim. Ele certamente vai começar com uma enorme bronca de tudo. Pode ser que não sobre nada de pé do capítulo que você imaginava que ia renovar as ciências sociais do ocidente. Resista, não reclame e não chore. Depois que ele acabar, devagarinho, vá voltando ponto por ponto ... humilde. Você verá que dá certo” . E dava. Pois sempre, depois da avaliação rigorosa, arrasadora de vez em quando, o professor Roberto “era todo orelhas” , como ele mesmo gostava de brincar.

E ouvia atento, silencioso. Pois um bom professor sabe falar, mas um professor sábio sabe ouvir. Rigoroso ainda, mas já menos terrível, severo, aberto a revisitar sua própria crítica, ele voltava com o aluno pelo caminho por onde fora antes sozinho e estabelecia o diálogo

go que hoje, tantos anos depois, eu revejo com os olhos de lembrança, como um daqueles momentos em que, como num laboratório, como numa oficina do barro das palavras, da matéria mineral das idéias, a prática científica da busca do conhecimento era artesanalmente exercida numa troca feliz, fecunda. Então ele reconstruía com você todo o lado aproveitável de seu próprio trabalho. Ao final, saiam os dois vivos, e o orientando ia embora entre assustado e jubiloso. Do rosto antes profissionalmente severo, havia sempre na despedida uma amorosa palavra de estímulo, um sorriso franco, uma pequena brincadeira, um convite. Era assim, e eu tenho uma enorme saudade daqueles momentos.

Acabo de ler o *A Formação do Espírito Científico*, Do Gaston Bachelard. Na página 303 da edição brasileira, ele diz o seguinte:

É preciso evitar o desgaste das verdades racionais que têm tendência a perder a apodicticidade e a tornar-se hábitos intelectuais. Balzac dizia que os solteirões substituem os sentimentos por hábitos. Da mesma forma, os professores substituem as descobertas por aulas. Contra esta indolência intelectual que nos retira aos poucos o senso da novidade espiritual o ensino das descobertas ao longo da história científica pode ser de grande ajuda. Para ensinar o aluno a inventar, é bom mostrar-lhe que ele pode descobrir.

Ao ler isto, eu quis lembrar alguns professores de “aulas de descobertas”. Não foram muitos, mas nem tão poucos. Destaquei entre eles o professor Roberto. Pois este homem casado e pai de filhos, era o exato avesso do solteirão de Balzac. Ele vivia os nossos longos seminários das tardes de Brasília como um exercício de descoberta. As teorias, as etnografias não eram apresentadas para serem sabidas. Para serem aprendidas. Eram postas na volta de nosso círculo de alunos para serem reinventadas. Tudo se discutia, como se uma teoria antropológica estivesse sendo criada ali, naquele momento. De vez em

quando um seminário era um sofrimento e em alguns dias de verão a nossa cabeça jovem saía da sala um pouco mais quente do que o calor do cerrado em março. Mas saímos um pouco mais sábios, diferentes de como entramos três horas antes. O mesmo Bachelard, duas páginas adiante, lembra isto: Uma descoberta objetiva é logo uma retificação subjetiva. Se o objeto me instrui, ele me modifica.

Fui longe demais nestas anotações de campo. Se algum dia ler isto, vai pensar que exagerei. Acho que não. Afinal, são esses arroubos da saudade. Mas já é hora de terminar. Não sem antes trazer a estas páginas um outro querido pensador francês.

Quando Roland Barthes disse a sua conferência de ingresso no College de France, ele escolheu para a sua primeira aula, a aula como um tema. O livro que saiu dela é uma leitura de rara sabedoria. E de um feliz encantamento. Já nem sei quantas vezes, no outono de minhas vivências de antropólogo, li e reli estas palavras também de despedida. Quantas vezes eu as escrevi para alguém. Quero escrevê-las de novo, no final destas anotações. É que elas me lembram de novo o professor Roberto. Não apenas como ele foi um dia, mas como ele me parece continuar sendo agora, hoje mesmo.

Barthes diz isto:

Empreendo pois, o deixar-me levar pela força de toda a vida: o esquecimento. Há uma idade em que se ensina o que se sabe; mas vem em seguida outra, em que se ensina o que não se sabe: isso se chama pesquisar. Vem talvez agora a idade de uma outra experiência, a de desaprender, de deixar trabalhar o remanejamento imprevisível que o esquecimento impõe à sedimentação dos saberes, das culturas, das crenças que atravessamos. Essa experiência tem, creio eu, um nome ilustre e fora de moda, que ousarei tomar aqui sem complexo, na própria encruzilhada de sua etimologia: sapientia: nenhum poder, um pouco de saber, um pouco de sabedoria, e um máximo de sabor possível. (Roland Barthes, AULA).

Talvez, como todos os professores que um dia passam de sabedores e sábios, o professor Roberto possa estar vivendo agora esta encantada, esta afinal merecida chegada a uma última (mas não derradeira) etapa do imaginário de um homem de pensamento. Seus últimos livros, lições teóricas d uma longa prática do ser antropólogo, revelam isto. O momento em que o saber do ofício, interiorizado vagarosa e densamente no espírito do professor-que-pesquisa, vira enfim não o seu conhecimento de um assunto da ciência, mas, através dele, transforma-se em sua sabedoria pessoal. E, então, é preciso que ele não pare de ser professor, porque todos nós ainda iremos precisar muito deste saber.

Longa Vida, professor Roberto!

Este documento foi lido na manhã de 19 de março de 1998, na ocasião da assembléia geral do Conselho Universitário da Universidade Estadual de Campinas, quando foi outorgado ao professor Roberto Cardoso de Oliveira o título de Professor Emérito.

DISCURSO DE AGRADECIMENTO

Roberto Cardoso de Oliveira

Eu não estaria sendo sincero se dissesse neste momento – em que tenho a oportunidade de agradecer à Unicamp por essa inigualável distinção que este Egrégio Conselho Universitário me conferiu – que jamais havia pensado em recebê-la. Não que ao título de Professor Emérito houvesse sequer pensado em me candidatar, pois sei ser ele uma prerrogativa de indicação de meus pares do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Mas no íntimo a idéia de merecer tamanha distinção de quando em quando aparecia, fugaz, em meu imaginário, logo após minha aposentadoria. E para mostrar que o título acadêmico já tinha para mim especial significação, gostaria de dizer que há alguns anos atrás, em 1992, participei de uma homenagem a um colega, grande amigo (e ex-aluno), Professor Dr. Roque de Barros Laraia, quando ele recebeu igual distinção, concedida pela Universidade de Brasília, a instituição em que se aposentara. A homenagem foi feita por meio de um conjunto de artigos destinados ao periódico **Anuário Antropológico**. O título de meu artigo não foi outro senão: “A honra acadêmica (ou da condição de Emérito)”. No texto pude dizer o quanto o título se adequava ao seu portador e em que termos eu o concebia. Não repisarei aqui todos os conceitos então emitidos, salvo transcrever um pequeno período que me parece apropriado neste

instante, como algo necessário a uma evocação sobre o significado da idéia de Emérito, tão cara para mim. Transcrevo: “*Emeritus* significa, em qualquer dicionário, ‘merecido’, aquele que ‘concluiu sua carreira’, eventualmente ‘fatigado’; mas significa igualmente aquele que ‘cativou, penhorou por bons serviços’. Num dicionário, como o **Caldas Aulete**, no verbete Emérito, especifica-se um pouco mais o seu sentido quando qualifica o *Professor Emérito* como aquele que ‘tem feito longos e bons serviços; que está aposentado gozando os rendimentos e as honras do emprego” (in *Anuário Antropológico*/92, p.33; o sublinhado é meu - RCO). Bem: não falemos de rendimentos – um assunto verdadeiramente polêmico que numa solenidade como esta não cabe tratar –, mas sublinhemos o substantivo honra, ela sim merecedora de nossa profunda reflexão, pois condição de toda uma ética profissional. Mas todas essas expressões, bem típicas de dicionários, ainda que não possa dizer que se ajustem exemplarmente em mim, salvo pela generosidade dos colegas que submeteram meu nome a este Egrégio Conselho, tenho de admitir que eu gostaria de me aproximar bastante desse ideal. E isso, penso, haver deixado bastante evidente quando no referido artigo examinei o conjunto de idéias que constituem o conceito de Emérito, em especial a de Honra e, de um modo todo particular, a de honra acadêmica.

Fiquei, assim, extremamente honrado com a distinção. E, neste momento, gostaria de lembrar – e, assim, prestar uma homenagem póstuma –, à figura de um professor, meu tetravô, que de algum modo, me vincula a Campinas já desde o século XVIII. Registre-se ter sido ele o primeiro docente da família Oliveira, chegado a Campinas (então cidade de São Carlos) em 1785, exatamente duzentos anos antes de minha própria vinda a esta cidade, quando me transferi da UnB para esta Casa em Janeiro de 1985. O “Professor Régio”, Estanislau Jo-

sé de Oliveira – este o seu nome –, português de nascimento e emigrado de Portugal, como resultado da perseguição política contra os seguidores do Marquês de Pombal, dentre os quais ele se achava. Esse professor de Retórica de cuja vida intelectual pouco sabemos (nem mesmo seus livros foram relacionados em seu espólio), teve pelo menos dois registros importantes: o de haver sido sepultado na então Igreja Matriz de Campinas (posteriormente sua Catedral) no dia 23 de Maio de 1823; e o de ter sido professor do futuro Regente, o padre Diogo Antonio Feijó! Este último fato eu quase havia esquecido, não fora um artigo intitulado “Rua do Regente Feijó”, escrito pelo jornalista Mariano Júnior e publicado num jornal desta cidade (em 31/01/1988), onde diz: “Aqui em Campinas, entre 1800 e 1805, o padre Feijó estudou retórica com o professor português Estanislau José de Oliveira”. - E acrescenta: “Anos depois de ordenado, nesta cidade Feijó lecionou latim e retórica” - como que fazendo jús aos ensinamentos de seu mestre. Li isto poucos anos depois de haver me mudado para Campinas e pude ter a satisfação de constatar que, além de paulistano, possuía “raízes docentes” plantadas em solo campineiro e que se somavam ao meu interesse e à minha admiração pela Unicamp, uma instituição que desde 1971 - quando eu me encontrava na Universidade de Harvard, em estudos pós-doutorais - recebia um emissário do IFCH trazendo uma tentadora proposta, só não aceita devido a um anterior compromisso com a Universidade de Brasília, onde eu lá ficaria até, finalmente, ocorrer minha vinda definitiva para esta Universidade.

Esses dois fatos: o artigo que escrevi sobre o conceito de Professor Emérito e minha ancestralidade enraizada em Campinas, sugerem, pelo primeiro, que o título que acabo de receber já possuía um significado tão importante para mim como já antecipando a atual premiação:

a rigor um ideal que sinceramente espero estar a sua altura; já o segundo fato sugere que a Cidade já estava de há muito integrada na história de minha família. Portanto, minha vinda à Unicamp, pode-se dizer, tornou-se uma extensão de uma tradição que se desdobra nos dias de hoje e se robustece com o título que o Egrégio Conselho Universitário acaba de me conferir.

Mas não posso deixar de fornecer algumas indicações aos senhores professores, membros deste Colegiado, como também aos senhores e senhoras que com sua presença tanto prestigiam esta cerimônia, sobre a trajetória de um jovem estudante de filosofia para tornar-se professor de antropologia, merecedor de tal honraria. Diria, inicialmente, que desde os anos de formação universitária meus interesses se concentravam em dois focos de reflexão: o da História da Filosofia e o da Epistemologia das Ciências Humanas. Como minha geração acadêmica na Universidade de São Paulo da primeira metade da década de 50 foi formada no convívio com a *Mission Française*, todos nós fomos fortemente influenciados pela tradição do pensamento francês, notadamente nas áreas de filosofia e de ciências sociais. E, nesse sentido, eu não posso deixar de registrar o nome do Professor Gilles-Gaston Granger como aquele mestre que bem exemplificou na minha trajetória pessoal, e na de vários de meus contemporâneos, a importância do *normalien* francês na constituição de todo um horizonte de reflexão e de comportamento acadêmico.

Ao voltar meus interesses para a Antropologia Social, o que inicialmente atraía minha atenção eram as condições de validade do conhecimento obtido pelo exercício da disciplina, o que equivale a dizer que esses interesses se concentravam na esfera da epistemologia, portanto em continuidade com minha formação básica. Nesse sentido, as influências de Roger Bastide e Florestan Fernandes foram definitivas

para minha conversão às ciências sociais, não só tomando-as como foco de investigação epistemológica, mas também como campo de pesquisa empírica, e assim procurando tornar-me antropólogo. A obra antropológica de Florestan Fernandes e seus ensaios sobre teoria sociológica balizaram meus interesses rumo à antropologia social. E vale enfatizar que suas monografias seminais sobre os índios Tupinambá, levaram-me a optar por realizar meu doutoramento sob sua orientação, depois de uma permanência de 4 anos no Museu do Índio no Rio de Janeiro, onde tive a oportunidade de iniciar pesquisas sobre os Terêna, do Mato Grosso do Sul, e que se tornariam tema de minha tese doutoral, já na época em que passei a trabalhar no Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Instituição na qual permaneceria vinculado por cerca de 14 anos. Foi um tempo que considero como o da consolidação definitiva de meu trabalho em antropologia. Além de concluir a etnologia dos Terêna e iniciar pesquisas sobre os Tükúna do alto rio Solimões, situados em nossas fronteiras com Colômbia e Peru, pude criar o Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social naquele Museu, já nos termos da Reforma Universitária que se processava em nosso país, em meados dos anos 60. Ao me transferir em 1972 para a Universidade de Brasília, com a tarefa de instituir um programa de pós-graduação equivalente ao do Museu Nacional, nela permaneceria por pouco mais de 13 anos. Consolidado este último programa, mais uma vez me transferi - agora para esta Universidade e, aqui, concluindo meu périplo por três de nossas mais importantes universidades. Meu colega Luiz de Castro Faria, duplamente Emérito (pela UFRJ e pela UFF), numa simpática e calorosa saudação que me fez na cerimônia em que recebi o título de Doutor *Honoris Causa* pela UFRJ, intitulou seu discurso "Devoção à Antropologia: as quatro estações de uma via triunfal" (título naturalmente só

explicável, em seu exagero, pela amizade que nos une). E, posso dizer, que minha última “estação” foi o Instituto de Filosofia e Ciências Humanas desta Universidade.

E será falando sobre esta “estação” que concluirei minhas palavras. O que representou para mim a vinda à Unicamp? Vejo claramente que os dez anos em que aqui trabalhei, parte como docente de seu quadro permanente, parte como “Professor Titular Convidado”, após minha aposentadoria, significaram mais uma oportunidade de atuar na pós-graduação, agora não mais exclusivamente na Antropologia, mas nas Ciências Sociais, dada a natureza inter e multidisciplinar do Doutorado aqui criado - precisamente em 1985 - e inspirado num projeto de nosso colega Vilmar Faria. Abracei o projeto com muita confiança e entusiasmo, pois via nele a possibilidade de trabalhar mais detidamente nas fronteiras das disciplinas voltadas para a construção de teorias sociais. A experiência que obtivemos - antropólogos, sociólogos e politólogos - na realização de um doutorado absolutamente novo entre nós, conferiu a essa iniciativa do IFCH um lugar de destaque nos estudos pós-graduados em nosso país. E no meu caso particular, permitiu-me trabalhar mais intensamente em questões que mais me interessavam e que se situavam nos interstícios das disciplinas humanas e sociais, capazes de proporcionar uma abertura dos horizontes intelectuais do alunado, junto ao qual eu procurava conduzir diálogos intermináveis em nossos seminários. Foi também, em termos pessoais, um certo retorno às minhas origens acadêmicas, pois embora jamais eu houvesse afastado meus interesses dos temas filosóficos e epistemológicos, agora esses temas passavam a integrar naturalmente o meu próprio discurso, voltado à elucidação de questões que me pareciam ser estratégicas em relação à construção das teorias sociais. Como consequência desse período na Unicamp, além de criar uma das

“áreas temáticas” do Doutorado em Ciências Sociais – intitulada “Itinerários Intelectuais e Etnografia do Saber” e na qual pudemos orientar excelentes teses doutorais –, pude publicar um conjunto de trabalhos que muito devem, em sua concepção, à minha vinculação à esta Casa. Os meus livros **Razão e Afetividade: O Pensamento de L.Lévy-Bruhl**, editado pelo nosso *Centro de Lógica, Epistemologia e História da Ciência* (CLE) em 1991, do qual, aliás, tornei-me seu “membro efetivo”, foi um dos escritos que mais me agradou fazer; **O Pensamento Antropológico** (de 1988) e o recentíssimo **O Trabalho do Antropólogo** (a sair no próximo mês), ao qual se soma o volume, **Ensaio Antropológico sobre Moral e Ética** (de 1997), este último em co-autoria com meu filho, Luís R.Cardoso de Oliveira, professor da UnB, foram publicações sínteses dos interesses intelectuais aos quais aludi há pouco, pois enfeixam trabalhos produzidos, em sua quase totalidade, durante minhas atividades na Unicamp. Mas não posso deixar de mencionar o meu especial reconhecimento à *Editora da Unicamp* por sua colaboração toda vez em que foi solicitada: além de publicar a coletânea **Estilos de Antropologia** (em 1995), organizada por mim com a colaboração de meu colega do Departamento de Antropologia, Guilherme Raul Ruben, nossa editora também publicaria **A Crise do Indigenismo** (em 1988) e **A Antropologia de Rivers** (em 1991), estes dois últimos ainda concebidos quando eu trabalhava na UnB; e, ainda, publicaria a edição comemorativa dos trinta anos de **O Índio e o Mundo dos Brancos** (em 1996), atendendo à recomendação de meus colegas de departamento. A atuação da editora – que fiz questão de mencionar – aumenta consideravelmente meu débito com esta universidade, agora ampliado ainda mais com a outorga do título de Professor Emérito.

Não vou me alongar mais nesses agradecimentos, pois estaria incorrendo num uso excessivo de um tempo que, dentro em pouco, deverei retomá-lo para me dirigir a colegas e alunos do IFCH, em seu Salão de Conferências, já com o título, agora ritualmente conferido, de Professor Emérito, fazendo uma exposição sobre “Antropologias Periféricas ‘versus’ Antropologias Centrais” – um tema que espero seja do interesse do alunado e de seus professores, meus colegas. Resta-me, todavia, a oportunidade de um registro – este de caráter afetivo – sobre o ambiente de absoluta cordialidade e de fraternidade que encontrei no Departamento de Antropologia, desde os primeiros dias em que lá cheguei até os dias de hoje, quando meus colegas bem mais jovens do que eu me admitiram como um dos seus. Certamente o ambiente que me proporcionaram foi muito responsável por aquilo que considero como sendo provavelmente a mais produtiva “estação” de meu itinerário. Muito obrigado.

Campinas, 19 de Março de 1998

ANTROPOLOGIAS PERIFÉRICAS “VERSUS” ANTROPOLOGIAS CENTRAIS

Roberto Cardoso de Oliveira^{*}

O tema que me proponho examinar contém já em sua formulação uma inevitável interrogação: como interpretar o termo “versus”? Uma oposição intransponível entre comunidades profissionais “periféricas” e “metropolitanas”? um conflito entre paradigmas exercitados em diferentes latitudes? ou uma relação eventualmente complementar entre perspectivas engendradas em mundos em nada complementares, a se ter em mente uma visão crítica terceiro-mundista... Esse conjunto de interrogações indica que o tema pode ser bem mais complexo do que parece a primeira vista e representa um desafio que acredito valer a pena enfrentar. Ao ouvir a palavra “versus” somos induzidos a sentir num primeiro momento um certo desconforto mesclado de um vago sentimento de inferioridade e de muita idiossincrasia que têm marcado as relações entre as comunidades de profissionais da disciplina situadas na periferia dos centros metropolitanos de onde se difundiu a chamada antropologia moderna. Gostaria, portanto, de esclarecer desde já sobre o que entendo pelo termo “versus”: não o vejo, de modo algum, por uma perspectiva negativa; ao contrário, inter-

^{*} Professor Emérito da Unicamp.

preto a palavra como significando uma tensão, não social ou política, mas teórica – melhor dizendo, meta-teórica ou, seja, epistêmica. E acredito que tal tensão seja extremamente fértil para o desenvolvimento da antropologia, tal como todos desejamos. Embora as contradições de caráter econômico, social e político existam e não possam ser ignoradas, creio que mesmo reconhecendo esse estado de coisas e não desprezando o seu componente terceiro-mundista, não posso deixar de constatar que há um espaço para o diálogo teórico e epistemológico a nível planetário – diálogo este do qual não poderemos nos furtar se desejamos efetivamente melhor nos capacitarmos na realização de nosso ofício. Interessados, portanto, em bem equacionar essa relação “centro/periferia”, eu e um grupo de colegas estamos realizando um programa de investigações com o objetivo de estudar comparativamente a singularidade das chamadas “antropologias periféricas” sob a ótica de uma abordagem estilística que contemple simultaneamente a vocação universalista de qualquer disciplina que se pretenda científica frente à realidade de seu exercício em contextos nacionais outros que não sejam aqueles de onde se originaram os paradigmas fundadores da antropologia. Mais adiante, procurarei dar uma idéia deste programa e, a seguir, concluirei minha exposição com uma reflexão sobre o tema com o intuito de estimular novas investigações que tenham por alvo relações entre antropologias que, sobre serem tensas, nem por isso devam ser consideradas inevitavelmente antagônicas.

Antes um esclarecimento: embora eu me interesse mais por tensões de ordem meta-teórica ou paradigmática, não se pode deixar de reconhecer que teorias e paradigmas são pensados e ativados por comunidades de profissionais de carne e osso – como nos ensinou Thomas Kuhn, esse competente historiador da ciência –, ensejando com isso o desenvolvimento de análises extremamente agudas onde se combi-

nam, sem se excluírem, duas tradições clássicas da história da ciência, a internalista e a externalista; a que trabalha ao nível das idéias e a que procura descrever o contexto histórico-social dessas mesmas idéias. Curiosamente nas diversas tentativas de interpretar a história e o presente da antropologia, raramente o ponto de vista articulador dessas duas tradições pôde ser implementado, resultando com isso numa preponderância da preocupação quase que exclusivamente contextual, o que concorreu para que um olhar mais político do que epistemológico preponderasse, tornando questões como o colonialismo ou a dependência cultural como temas dominantes na literatura crítica da disciplina, tanto quanto nos encontros ou reuniões havidas entre seus profissionais. Creio que algumas idéias resultantes dessas reuniões mereçam alguns comentários.

*

Essas três últimas décadas foram pródigas em simpósios e seminários sobre o assunto. Evidentemente que as temáticas observadas em todos os eventos estiveram sempre sensíveis às relações entre os países de centro, cujas antropologias eram tacitamente consideradas como metropolitanas em comparação com as dos países periféricos, tomados também de modo tácito como “culturalmente colonizados”, entendendo-se aqui a própria antropologia como uma espécie de subcultura ocidental. Aliás, muitos de nós na América Latina, na África e na Ásia, muito escrevemos sobre essa dependência e sobre o urgente processo de desenvolvimento – certamente autônomo – de nossas antropologias. Não quero retomar agora este último tema nos termos até então propostos, posto que ele já foi por demais discutido em cenários nacionais e internacionais. O que desejo sublinhar é que sobre as duas

dimensões – a saber, a acadêmica-institucional, que envolve as atividades de ensino e de pesquisa; e a política, na qual se colocam as questões étnicas e nacionais, e em cujas avaliações as políticas estatais são sempre objeto de crítica –, não se pode deixar de examinar mais detidamente as tendências atuais que começam a se esboçar nas relações entre as antropologias que, na falta de melhor termo, chamaremos de “periféricas” em contraposição às antropologias “centrais”, i.e. aquelas que surgiram em fins do século passado na Inglaterra, França e Estados Unidos da América. Desejo enfatizar (como tenho feito repetidas vezes) que os conceitos de periferia e de centro não possuem mais do que um significado geométrico, certamente em n dimensões, onde espaço e tempo são igualmente levados em conta, sem, porém, implicarem um quadro valorativo, i.e. de “boa” ou “má” antropologia... Em todos os eventos internacionais em que participaram antropólogos latino-americanos, por exemplo, houve sempre um grande empenho em discutir o estado-da-arte da antropologia, o que revela que nossa comunidade profissional não tem estado desinteressada sobre o destino da disciplina em âmbito continental, mas, pelo contrário, tem procurado realizar interessantes reflexões sobre diferentes aspectos do exercício da disciplina entre nós.

Como participante da maioria desses eventos e, no ano passado, no dia 10 de Julho, na cidade de Quito – e ainda como Presidente da *Associação Latino-Americana de Antropologia* (ALA) –, pude organizar um Forum sobre “A Produção Científica e a Reprodução da Comunidade Profissional na América Latina”, que resultou numa boa oportunidade de nos atualizar sobre o momento de expansão por que passa atualmente a disciplina entre nós. Algumas idéias que podem ser ressaltadas do conjunto desses eventos devem servir, portanto, como importante referencial para esta exposição. A primeira delas se

ria o reconhecimento de que a disciplina na América Latina se insere na categoria de “antropologia de nações novas”, empenhada na construção da nação e destituída de grandes tradições intelectuais – ao contrário do que ocorre nas antropologias de antigas civilizações como a China, o Japão ou a Índia. Ao mesmo tempo – e isso não ocorreria apenas na América Latina – a disciplina estaria eminentemente interessada em seu próprio território ou região (como no caso da região andina ou da região maia, ou, em menor intensidade, a região amazônica – valham os exemplos-), ademais de seus antropólogos dedicarem prioritariamente sua atenção aos trabalhos originários dos países de centro, devotando em conseqüência muito pouca atenção ao que se produz no interior das antropologias periféricas do continente e, sobretudo, fora dele (pois quantos de nós tem familiaridade com a produção antropológica de países da periferia européia, por exemplo, como a da Espanha ou Portugal, da Grécia ou de países do leste europeu?). Pode-se dizer que além das fronteiras de cada um desses países latino-americanos pouco se sabe sequer sobre as antropologias do nosso próprio continente e, sobretudo, da possibilidade de suas respectivas contribuições ao desenvolvimento da disciplina, sejam elas de caráter teórico ou mesmo metodológico. Contudo, há de se reconhecer igualmente que essas características que, segundo alguns autores, poderiam ser consideradas como marcadoras do tipo periférico, nem por isso se constituem em obstáculos insuperáveis com vistas a conduzir essas antropologias a lograr um efetivo desenvolvimento em escala planetária.

**

Com essas preocupações em mente é que decidimos realizar um programa de estudo sobre "Estilos de Antropologia", dele resultando um Seminário levado a efeito há uns poucos anos atrás nesta Universidade e que nos serviu de ponto de partida para um conjunto de pesquisas projetadas para diferentes antropologias periféricas, tais como as que têm lugar na Austrália, em Israel (Jerusalem), no Canadá (Quebec), no Peru, no Japão e na Espanha (Catalunha).^{1/} Antes de falar sobre essas pesquisas, gostaria de dar uma idéia geral sobre algumas conclusões a que cheguei, pessoalmente, no aludido Seminário. Reunindo colegas possuidores de experiência de pesquisa e de reflexão sobre a antropologia de seus respectivos países, a par de contarem com alguma vivência na antropologia feita no Brasil, decidimos estabelecer um encontro que permitisse comparações, se não sistemáticas e globais, pelo menos fortuitas e tópicas, de modo a criar um clima de debate entre diferentes pontos de vista sobre a diversidade de atualização de uma mesma disciplina cada vez mais internacionalizada. Mesmo para os colegas aqui presentes e que assistiram àquele Seminário, não custa nada recordar. Retomo a questão inicial: como compreender a singularidade de atualização da antropologia nas chamadas "periferias" (que uso no plural, pois não é uma, são muitas) com a natureza universalista de qualquer disciplina que se queira científica? Nesse sentido, procurou-se mostrar que essa singularidade manifestada pela disciplina em seu processo de difusão para fora dos centros em que se originou historicamente, tanto quanto sua inserção e desenvolvimento em outros países, não haveria de significar uma abdicação de sua pretensão universalista, uma vez que – tecnicamente – a disciplina sempre "falou" uma única "linguagem", talvez mudando ape-

^{1/} Os trabalhos então apresentados nesse Seminário foram publicados em **Estilos de Antropologia** (Organizado por Roberto Cardoso de Oliveira e Guillermo Raul Ruben), Campinas: Editora da Unicamp, 1995.

nas o “tom”, mais alguma coisa de sua “fonologia”, ademais de uma ou outra contribuição para seu “léxico”, porém muito pouco (se é que efetivamente contribuiu) para sua “gramática”. Ressalve-se, aqui, que o recurso a metáforas provenientes de uma disciplina irmã como a lingüística, se de um lado nos auxilia para a compreensão do problema – como imagino –, por outro lado certamente não é suficiente do ponto de vista epistemológico. Pois deixa em aberto uma importante questão: como aplicar o conceito de estilo para caracterizar a antropologia – portanto, como algo mais do que uma metáfora igualmente originária da lingüística? Todavia, ainda me valendo de metáforas lingüísticas, creio que se a “gramaticalidade” da disciplina corresponde à sua matriz disciplinar – que tenho definido (seguindo elipticamente os passos de Thomas Kuhn) como constituída por um conjunto de paradigmas articulados num campo de tensão epistêmica de maneira que nem um dos paradigmas consiga superar ou anular o outro (como no caso das matemáticas ou das ciências físico-químicas, onde ocorre a superação de um paradigma por outro) – o que ocorre na antropologia (e suponho em várias das ciências humanas) é que essa matriz disciplinar não chega a alterar sua estrutura em quaisquer das latitudes em que ela se atualiza. Assim, se a imaginarmos – como, aliás, tenho feito nesses últimos anos – como constituída de pelo menos quatro paradigmas perfeitamente ativos na modernidade da antropologia (o estruturalista lévi-straussiano, o estrutural-funcionalista de inspiração britânica, o culturalista norte-americano e o interpretativista geertziano; aos quais se poderia agregar outros, como o marxista – ou outros mas de menor expressão na história moderna da antropologia – sem que isso afete o teor de meu argumento), o fato é que as vicissitudes da matriz, vista na ordem planetária da disciplina, afetariam mais a sua dinâmica interna (portanto, gerando mudanças na matriz) do que determinando mudanças em sua estrutura (i.e. mu-

dança da matriz). Portanto, a permanência ativa de uma estrutura constituída por um sistema de paradigmas em tensa interação, significa – voltando às metáforas – que a “gramática” da disciplina não se altera ou pelo menos não tem se alterado substancialmente. Em meu entendimento, o único paradigma novo – quer dizer, surgido nesta metade de século e que se expressa na antropologia interpretativista ou “pós-moderna” (este último um termo infeliz), não é mais do que uma recuperação tardia de um paradigma filosófico do século passado, o hermenêutico, recuperado por sua vez por Dilthey das filosofias clássica e medieval, e modernizado por Gadamer ou Ricoeur no presente século, cujo final estamos testemunhando. Pois bem: se a matriz tem permanecido praticamente a mesma, com uma ou outra alteração observável nas antropologias centrais, garantindo assim a universalidade da disciplina, o que se pode entender então por sua singularidade na periferia? É aqui que entra a noção de estilo.

Tomo emprestado a noção de estilo, na forma pela qual ela foi desenvolvida por Gilles-Gaston Granger em seu livro *Essai d'une philosophie d'style* (Armand Colin, 1968), que a entende associada à noção de redundância – não mais como meras metáforas lingüísticas mas como conceitos operacionais. Não vejo necessidade de me deter no exame desses conceitos – uma tarefa que realizei em outro lugar, em minhas “Notas sobre uma estilística da antropologia”, apresentadas no aludido Simpósio sobre “Estilos de Antropologia” –, mas apenas mostrar a possibilidade aberta pela utilização dos mesmos em direção a uma estilística. Nesse sentido, redundância passa a ser um conceito complementar a estilo na medida em que exprime algo no discurso que não acrescenta nada à mensagem, salvo o efeito de prolongá-la. Ao contrário do uso que os lingüístas fazem da redundância, quando a tomam como perda de informação relativamente à informação máxima autorizada pela língua (e aqui tomo a antropologia como uma

“linguagem” científica), para mim – e aqui talvez me distancie um pouco de Granger – considero a redundância como expressando um estado-de-coisas (tal como o resultado de uma análise realizada pela via da matriz disciplinar, portanto na linguagem da antropologia) em que qualquer outro acréscimo de informação seria inoperante relativamente a uma possível ampliação de nossa capacidade de cognição; em outras palavras, essa capacidade está dada virtualmente pela potencialidade analítica da matriz disciplinar. Porém isso não é tudo! A antropologia, que auferre todas as suas potencialidades de explicação mediante a atualização de sua matriz disciplinar, como disciplina empírico-analítica que é, lança-se simultaneamente à aventura da compreensão; a rigor, uma aventura não-metódica, profundamente individualizante, cujas conseqüências impressas no discurso antropológico resultante só podemos considerar como fator de estilo. É, portanto, nesse sentido que podemos considerar – se não estou enganado – os elementos individualizantes nas antropologias periféricas que lhes conferem particularidades que, por mais marcantes que sejam, não nos autorizam a classificar essas antropologias com o epíteto de nacionais. Não há necessidade, portanto, de buscarmos nacionalizar nossas antropologias para logarmos alcançar maior autonomia ou, mesmo, independência frente às antropologias centrais. Tal busca me parece estar fundada num falso problema. Para as antropologias periféricas e, evidentemente também, para as metropolitanas, o objetivo das diferentes comunidades profissionais está em dominar cada vez mais a matriz disciplinar, sua dinâmica gerada pela tensão interparadigmática, bem como os resultados que ela alcança, ou tem alcançado, nas diferentes latitudes do planeta.

Dizia que o Programa sobre Estilos de Antropologias tem dado resultados bastante promissores. Tentarei destacar alguns, ainda que obtidos em pesquisas não necessariamente limitadas à América Latina, mas onde o olhar dos colegas nelas envolvidos sempre esteve orientado a partir de nosso continente, pois todos partiram de uma perspectiva engendrada no Brasil e condicionada por uma antropologia enraizada no país. Como não existe um lugar neutro de onde se pode observar a realidade, todos os estudos enfeixados nesse programa devotado à construção de uma estilística envolvem, portanto, pontos de vista constituídos no quadro social, político e intelectual latino-americano. Foi o caso, por exemplo, de três das pesquisas mais recentes do programa: a dedicada ao estudo da antropologia que se faz na Austrália (realizada por nosso colega da Universidade de Brasília, Stephen Baines); em Israel, na cidade de Jerusalém (feita por Marta Francisca Topel, como tese de doutoramento apresentada em nosso doutorado do IFCH); e na Espanha, em Barcelona (executada por mim, enquanto professor-visitante na Universidade Autônoma de Barcelona).^{2/} A antropologia, ou melhor dizendo, a etnografia indígena produzida na Austrália, tanto quanto a antropologia judaica de Jerusalém (pois há que diferenciá-la da palestina), bem como a catalã que, de certo modo, mantém sua particularidade quando a confrontamos com a castelhana (especialmente quando estudamos o processo histórico de sua formação), todas essas antropologias foram observadas a partir de um lugar perfeitamente definido: a América Latina, especificamente o Brasil. Isso confere à investigação uma característica que só podemos equacioná-la em termos de estilo: pois compreender o

^{2/}O primeiro resultado de minhas investigações em Barcelona foi publicado na revista **Mana: Estudos de Antropologia Social** (vol.1, n°1, 1995, pp.09-47), com o título "Identidade Catalã e Ideologia Étnica".

Outro significa um passo a mais do que explicá-lo pela via da matriz disciplinar; é apreendê-lo também através de seus elementos ou instâncias empíricas não suscetíveis de explicação analítica; equivalendo a dizer que o que se apreende é o “excedente de sentido” – ou *surcroit de sens*, para usar uma expressão originária da hermenêutica de Paul Ricoeur. Lembrando, ainda, que para esse mesmo autor, esse excesso de significação é alcançado graças ao momento não-metódico da investigação – que, para mim, é precisamente o momento em que se transcende a própria matriz disciplinar, isto é, que a ultrapassa sem negá-la. É o momento em que se inaugura o estilo próprio de tal ou qual antropologia, particularizando-a sem que ela perca sua vocação universalista assegurada pela matriz disciplinar – uma matriz alicerçada sob uma pluralidade de métodos tanto quanto por um conjunto articulado ou articulável de paradigmas. Várias questões podem ser levantadas sobre a natureza do conhecimento obtido pela via metódica quando o comparamos com o conhecimento gerado pela interpretação compreensiva. Examinei-as em outra oportunidade, quando segui muito de perto as contribuições de Ricoeur e de Apel sobre o tema; por isso, permito-me deixar de examiná-las agora, dizendo apenas que tenha ou não valor apenas hipotético a interpretação compreensiva (posto que ela não está autorizada a formular “leis”, regras, ou generalizações mais ambiciosas alcançadas pela explicação), o certo é que um debate como esse, mesmo que o levássemos a efeito nesta oportunidade, ele não alteraria o sentido de nossa argumentação. Pois o que desejo trazer à consideração deste auditório é uma linha de investigações que, no meu entender, tem dado interessantes resultados.

Trata-se, todavia, de um conjunto de estudos que tem por intenção ampliar-se em direção da América Latina, procurando através das antropologias que se realizam em seus diferentes países avaliar,

por um lado, as possibilidades de desenvolvimento das mesmas; por outro, despertar um interesse recíproco entre elas de maneira a incentivar um diálogo horizontal, sem que isso diminua a necessidade da manutenção de um maduro contato com as antropologias centrais e que seja mais do que um monólogo, e, sim, a verticalização do mesmo diálogo. Como eu estava dizendo, relativamente ao seminário sobre Estilos, colegas latino-americanos estiveram presentes no evento, trazendo com eles – ademais de possuírem uma boa vivência na comunidade de antropólogos brasileiros – uma boa dose de informações sobre a disciplina em seus países. Se da Venezuela tivemos a participação de Hebe Vessuri, com seu trabalho “Estilos nacionais de antropologia? Reflexões a partir da sociologia da ciência”; e da Argentina, a de Leonardo Figoli, com sua exposição “A antropologia na Argentina e a construção da nação”; tivemos também do Quebec, através de Robert Crépeau, uma interessante comunicação sobre “A antropologia indígena brasileira vista do Quebec”, onde o autor não deixa de compará-la com a antropologia quebequense; uma segunda comunicação sobre a antropologia canadense de expressão francesa, intitulada “O ‘tio materno’ e a antropologia quebequense”, foi apresentada por Guilherme Ruben, que todos conhecem, nosso colega neste Instituto. Portanto, já considerávamos então, em nosso programa de pesquisas, o Quebec como parte da América Latina. Vale dizer que talvez tenha sido essa região da América do Norte aquela que mais atraiu atenção de nossos colegas, uma vez que sobre ela fixaram suas investigações não somente este último autor, como também Celso Azzan Jr., então doutorando da Unicamp, ambos devotados ao estudo da disciplina antropológica no Canadá de língua francesa. E para não dizer que o nosso interesse sobre a América Latina excluiria outras manifestações dentre aquelas que estamos denominando antropologias periféricas,

cuidamos de realizar uma investigação comparada entre duas das mais desenvolvidas dessas antropologias: precisamente a quebequense e a catalã. Respectivamente estudadas por Guilherme Ruben e por mim, o livro resultante encontra-se em vias de publicação e será intitulado: **As Aventuras da Etnicidade: Antropologia e Ideologia Étnica**. O objetivo deste estudo foi o de examinar o processo de formação da antropologia em contextos sócio-culturais minados pela etnicidade e onde se pode observar nitidamente o papel de ideologias étnicas na conformação da disciplina. Os nacionalismos quebequense e catalão estão de tal forma enraizados nas respectivas sociedades que contaminaram a formação histórica de suas antropologias, submetendo-as a um nítido processo de etnização. Todavia, cabe esclarecer, que na modernidade atual das disciplinas pouco se pôde observar sobre o domínio da ideologia étnica em suas respectivas atualizações no Quebec ou na Catalunha. Porém não se pode ignorar, ao mesmo tempo, que essa etnização, constatada na formação da disciplina, tenha deixado suas marcas; – marcas essas que somente por meio de uma concepção estilística da antropologia tornaram-se passíveis de observação.

Pois bem. Esse fato, se por um lado mostra a força do contexto social, político e cultural na adaptação da disciplina na periferia de seus centros de difusão, penetrando-a de novos elementos dinamizadores da matriz disciplinar, por outro lado – como estive procurando mostrar – não concorreram a qualquer mudança da estrutura matricial que pôde, assim, manter a mesma *gestalt*. A disciplina num e noutro contexto nacional, no Quebec ou na Catalunha – como já indiquei, aliás – pouco se diferencia do tipo metropolitano de antropologia, seja no que diz respeito ao caráter universal de sua produção, seja no que tange à sua qualidade e produtividade. Mas a eficiência das antropologias exercitadas em Montreal ou em Barcelona não encobre a força

de suas respectivas tradições que contém, ademais do processo de etnização já examinado, outros elementos de ordem cultural que são muito próprios a cada uma das antropologias. Esse, por sinal, é um fator ao qual não se tem dado muita atenção, como bem observa nosso colega mexicano, o antropólogo Esteban Krotz. Não é a primeira vez que a leitura de trabalhos seus me foram de grande utilidade. Em 1995, numa reunião organizada pela antropóloga Myriam Jimeno, em Bogotá, sobre o tema "La Antropologia Latinoamericana: Crisis de los modelos explicativos",³ pude me valer das análises que ele fez sobre a antropologia que se realiza na América Latina e sobre seus comentários a respeito de algumas de minhas próprias idéias veiculadas em meu livro **Sobre o Pensamento Antropológico** (Edições Tempo Brasileiro, 1988; 2ª edição 1997). Embora o recorte epistemológico que venho adotando em minhas análises não coincida com sua perspectiva – mais próxima da história e da sociologia da ciência –, considero-as mais complementares do que conflituosas; e como consideramos igualmente que o trabalho que devemos desenvolver na América Latina só pode ser coletivo, estou certo que nossos respectivos recortes, por diferentes que possam ser, haverão de contribuir para a intensificação e o refinamento desse diálogo horizontal que ambos defendemos. De forma que, inspirado em uma ou outra de suas considerações que considero mais pertinentes para o prosseguimento desse diálogo, retomo a seguir o tema das tradições.

³/O título de sua exposição foi "La generación de teoría antropológica en América Latina: Silenciamientos, tensiones intrínsecas y puntos de partida", que se seguiu à minha conferência "La antropología latinoamericana y la 'crisis' de los modelos explicativos: Paradigmas y teorías", ambas publicadas na revista colombiana **Maguare**, n.ºs.11-12, 1996.

Ainda que não se possa comparar o papel exercido pelas tradições letradas de grandes civilizações, como as da China, do Japão ou da Índia, na conformação da antropologia nesses países, tal não significa que as “pequenas tradições” encontradas nas nações novas da América Latina devam ser desprezadas no que diz respeito às suas presenças – de algum modo aferível – na instalação da disciplina entre nós. Minha experiência brasileira não me permite sequer pensar qual o grau de influência que as antigas civilizações americanas – como a Inca, a Asteca ou a Maia – podem ter exercido na antropologia que se pratica nos países andinos, no México ou na América Central. Como também me é difícil avaliar a importância nesses e em outros países do papel desempenhado por seus cronistas, viajantes e missionários quinhentistas e seiscentistas no estabelecimento de temas ou na construção de abordagens de investigação, eventualmente ainda relevantes na atualidade da disciplina na América Latina. Já minha visão da antropologia que fazemos no Brasil sugere descontinuidades óbvias. Talvez o fato da disciplina ser entre nós, membros da comunidade profissional brasileira, uma atividade preponderantemente universitária, ela – pelo menos durante esses últimos quarenta anos – abastecesse de idéias e de padrões de comportamento provenientes dos centros acadêmicos europeus e norte-americanos. Certamente a influência francesa, extremamente forte e hegemônica nos anos 40 e 50, foi progressivamente substituída pela anglo-americana nas décadas seguintes, em que pese a importante influência do estruturalismo lévi-straussiano em toda esta metade de século. A presença de etnólogos de língua alemã, pelo menos desde os anos 30, não foi suficiente para deixar sua marca na antropologia que fazemos hoje. Já as “raízes” de que nos fala Krotz em um texto anterior/⁴/ pouco nos dizem quando

⁴/ Cf. Esteban Krotz, “Antropología y antropólogos en México: Elementos de

procuramos resgatá-las em nossa prática profissional da disciplina. Mas se as raízes no Brasil não possuem a mesma profundidade histórica (e pré-histórica) que aquelas observadas no México, tal não significa que elas não existam. É só tomarmos em consideração a tradição ensaísta brasileira instituída desde o século passado, pelo menos. Porém, dizer que essa tradição tem ou teve o poder de marcar sua presença na matriz disciplinar é algo que jamais ocorreu. Essa tradição ensaística se constitui, a rigor, em fator de estilo. Se no Brasil tal tradição pode ser observada facilmente em autores de diferentes gerações, como Gilberto Freyre e Roberto DaMatta, marcando não o estilo brasileiro, mas um dos estilos de antropologia que aqui praticamos, posso imaginar – e isso vale apenas como hipótese de trabalho – que em países como o México suas várias tradições, não importando o grau de profundidade que possuam, possam ser consideradas igualmente como fator de estilo.^{5/} Continuo a acreditar que o melhor caminho para investigar a particularidade da antropologia que se faz no México também seja por meio de uma estilística; e gostaria que tal investigação fosse realizada por meio de uma pesquisa comparada, não para lograr uma teoria geral da antropologia latino-americana (tal comparação só nos tornaria “coleccionadores de borboletas” – para me valer aqui da feliz expressão de Leach), mas para nos valermos da comparação como um instrumento de elucidação recíproca das respectivas antropologias submetidas a um cuidadoso escrutínio. Considere-se

balance para construir perspectivas”, in **Balance de la Antropología en América Latina y el Caribe** (Lourdes Arizpe & Carlos Serrano – Compiladores), México: Unam, 1993, pp.361-380.

^{5/} Recentemente pude explorar uma modalidade específica de tradição na antropologia catalã – a que podemos definir como etnicidade – num ensaio intitulado “Etnicidade como fator de estilo”, publicado nos **Cadernos de História e Filosofia da Ciência**, (CLE/Unicamp), série 3, vol.5, nº Especial, 1955, pp.145-171.

ainda que uma estilística, menos do que pretender substituir outras modalidades de estudo das antropologias periféricas, nada mais é do que um acréscimo, uma ênfase especial no discurso da antropologia, portanto como um recurso a mais destinado a ampliar nossa capacidade de compreender as particularidades de uma disciplina nos novos ambientes sócio-culturais que a encerram. Nesse sentido, a estilística sempre se somará a outras abordagens desenvolvidas por nossos colegas brasileiros ou hispano-americanos.

O que fazer para logarmos a consolidação da disciplina em centros mais novos do Brasil ou em países latino-americanos onde ela, por diferentes motivos, ainda encontra obstáculos para o seu desenvolvimento? Claro que não tenho a pretensão de ter a solução para esse problema, muito menos uma receita... Mesmo porque, como há uma extrema diversidade nos diferentes contextos latino-americanos em que se insere a disciplina, é impossível uma solução geral tanto quanto é improvável que qualquer um, individualmente, possa pretender conhecer a antropologia em escala continental de modo a poder sugerir soluções, ainda que tópicas. Tome-se, por exemplo, o problema institucional envolvendo a relação da disciplina, isto é da pesquisa e de seu ensino, com os Estados nacionais. Dentre outras, esta é uma questão que só poderá ser enfrentada pelos antropólogos de cada país; e, fazendo minhas as palavras de Guillermo Bonfil, quando se refere ao que ironicamente chama de "casamento" entre o Estado mexicano e a antropologia, reproduzo sua fala: "Sin embargo, el maridaje con el Estado persiste, lleno de conflictos, insatisfacciones y frustraciones. O los antropólogos proponemos nuevas bases de la relación conyugal (o el divorcio), o será el Estado quien lo haga. Más nos vale participar en esto con nuestra propia decisión". /⁶/ E como a presença

⁶/ Guillermo Bonfil Batalla, "Problemas Conyugales?: Una Hipótesis sobre las

do Estado é, em regra, sempre muito forte em nossos países – ainda que jamais na mesma proporção daquela que se observa no México –, o comentário de Bonfil é mais do que oportuno. Ele nos incita a tomarmos nossas próprias iniciativas, enquanto comunidade profissional, diante de questões cruciais como esta, que contextualizam decisivamente nossa disciplina. É precisamente o momento em que se articulam, no processo de investigação, as perspectivas externas e internas, a análise institucional e a análise do discurso, a interpretação sociológica e a estilística.

Por tudo isso, em lugar de soluções, eu apenas gostaria de apontar para um conjunto de indicadores que acredito poderem ter alguma utilidade no exame comparado e nos diagnósticos das antropologias que fazemos em nossos países. Alguns desses indicadores, que aqui relaciono sem nenhuma pretensão de esgotá-los, podem ser os seguintes: 1.) a concentração das investigações no território nacional (que, no caso das antropologias periféricas, esse parece ser um de seus traços mais característicos, pelo menos na América Latina; no Brasil, somente nesta década é que estamos realizando e incrementando pesquisas no exterior); 2.) as debilidades institucionais (particularmente nas esferas universitárias e científicas, com carências de boas bibliotecas, ausência de implantação ou implantação deficiente do estatuto de “dedicação exclusiva” e suas conseqüências salariais, além de poucos recursos para financiamento de pesquisas; comparativamente não se pode deixar de reconhecer que entre nós tal situação é bem menos grave do que aquela que se observa nos demais países latino-americanos); 3.) dependência do exterior para a formação profissional avançada (dependência que em alguns países é extremamente

Relaciones del Estado y la Antropología Social en México”, in *A Antropologia na América Latina* (Org. por G.C.L.Zarur), opus cit., pag.99.

elevada enquanto noutros, como no Brasil, pode ser bem mais reduzida, porém não se poderia dizer que neles ela esteja ausente); 4.) mercado de trabalho aquém da demanda (e cujas características próprias vão desde uma pobreza franciscana, com muita reduzida oferta de cargos nas universidades ou fora delas, até uma razoável oferta como se pode observar em pouquíssimos países do continente); 5.) ausência de periódicos de circulação internacional (ao menos nas regiões latino-americanas, onde – ao que parece – só recentemente o idioma português começa a ter mais leitores de língua castelhana, um fato que talvez explique a deficiente circulação desses mesmos periódicos na hispano-américa); finalmente – mas não por ser menos importante – 6.) o perfil meta-teórico da antropologia em nossos países (em verdade, um perfil que pode ir desde o eventual predomínio de um ou outro dos paradigmas fundadores da disciplina, até a atualização crítica da matriz disciplinar – como a temos definido –, a saber, como a articulação simultânea, tensa e interdependente de paradigmas originários historicamente na Inglaterra, França e Estados Unidos da América e ainda presentes na modernidade da disciplina). Isso merece uma consideração adicional: em vários lugares tenho questionado a idéia de que mesmo nas antropologias metropolitanas os paradigmas que conformam a matriz disciplinar sejam, hoje, absolutamente autônomos – como foram (ou pelo menos procuraram ser) desde o final do século passado até meados deste; o fato que efetivamente se observa na atualidade da disciplina é que mesmo naquelas antropologias seus respectivos paradigmas originais já estão em intensa interação com os demais, igualmente abrigados na mesma matriz disciplinar; todavia, o que ocorre é que essa interação tem características diferentes daquela que tem lugar nas antropologias periféricas: nestas ela é mais fácil, pois as comunidades profissionais da disciplina estão despojadas de

compromissos epistemológicos históricos, o que resulta num diálogo mais fluente e com uma carga menor de pre-conceito teórico.

Creio que vale a pena nesta exposição retomar algumas considerações que venho fazendo sobre a antropologia que a nossa comunidade profissional tem construído no país, indicando especialmente as principais tradições que nela têm lugar. Num ensaio escrito há alguns anos atrás, intitulado "O que é isso que chamamos de Antropologia Brasileira?"^{7/} procurei elaborar um esquema capaz de reproduzir a estrutura da matriz disciplinar que, no meu modo de ver, apontasse para suas dimensões mais ativas do ponto de vista da modernidade da disciplina.^{8/} Mostrando preliminarmente o quanto a tradição de estudos etnológicos relativos ao povos indígenas se comportava frente a segunda tradição importante entre nós, aquela referente aos estudos sobre a sociedade nacional, e tomando como variáveis relevantes os estudos culturalistas diferenciados dos estruturalistas, cheguei a esboçar um quadro descritivo no qual pude localizar em cada um dos quatro espaços criados no âmbito de uma coordenada cartesiana, o seguinte: no primeiro espaço, em que se cruzam a tradição de estudos etnológicos com a perspectiva culturalista, localizamos dois de nossos maiores etnólogos; Curt Nimuendaju, respondendo ao que chamei de período "heróico" da etnologia, e Darcy Ribeiro, respondendo igualmente ao período "carismático" – imediatamente posterior ao primeiro. Ainda considerando a perspectiva culturalista,

^{7/} Publicado primeiramente no *Anuário Antropológico*/85, pp.227-246; republicado em *Sobre o Pensamento Antropológico*, opus cit., pp.109-141.

^{8/} Cf. figura 1, p.121, do texto "O que é isso que chamamos de Antropologia Brasileira?"

porém relativamente aos estudos sobre a sociedade nacional, entendi que Gilberto Freyre era um legítimo representante do período “heróico”, enquanto que o brasilianista Charles Wagley – por força de sua influência na implantação dos estudos de comunidade no Brasil – expressaria adequadamente o período “carismático”. Evidentemente, quando falamos de Wagley dele não podemos dissociar o nome de Eduardo Galvão, seu primeiro discípulo brasileiro e fraterno colaborador. Destarte, é indispensável esclarecer que por heróico entendo o período em que a disciplina ainda não estava institucionalizada no país, ao passo que por carismático entendo o período em que, estimulando o processo de institucionalização da antropologia, destacam-se profissionais de grande influência, capaz de mobilizar o campo intelectual dos que se devotam à disciplina. Já no que tange o cruzamento das duas tradições – a relativa aos estudos etnológicos cruzada com a de estudos sobre a sociedade nacional – tendo como perspectiva comum a estruturalista (seja a de raiz anglo-saxônica, seja a de raiz francesa), temos de nos restringir apenas ao período carismático, posto que tal perspectiva é bem posterior à implantação dos estudos culturalistas entre nós. Pudemos registrar, assim, a influência de Florestan Fernandes, nos estudos de etnologia indígena (considerando-se aqui sua fase etnológica graças a suas monografias sobre os Tupinambá) e a influência do sociólogo norte-americano Donald Pierson – não por acaso representante do período carismático –, dada à sua influência decisiva na organização da Escola Livre de Sociologia e Política, onde, aliás, estudaram Florestan Fernandes e Darcy Ribeiro. Vale dizer, nesse sentido, que a vertente sócio-cultural da antropologia – hoje preferentemente denominada antropologia social – é bastante solidária da sociologia, daí porque não é de estranhar que autores, como Florestan Fernandes, Charles Wagley, Roger Bastide – e o próprio Claude Lévi-Strauss (quando ensinou na USP nos anos 30, como pro-

fessor de sociologia) estiveram sempre na fronteira das duas disciplinas. Além do mais, há um dado que não deve ser desconsiderado: o fato de não existir em nosso país cursos de graduação em antropologia, mas cursos de Ciências Sociais, ficando a formação específica em antropologia para os cursos de pós-graduação, em níveis de mestrado e doutorado. A disciplina sociologia é, assim, ministrada durante os quatro anos que leva em média a graduação em Ciências Sociais com uma ligeira preponderância pedagógica sobre a antropologia e a ciência política. O resultado disso, mesmo na formação pós-graduada do antropólogo, é que o jovem Mestre ou Doutor transita com facilidade nas disciplinas que constituíram seu currículo de graduação. Os “estudos de comunidade” foram, assim, indistintamente realizados por sociólogos e antropólogos nos anos 40 e 50, tempo em que tiveram bastante prestígio nos meios universitários brasileiros, começando seu declínio nos anos 60.

Como eu vejo atualmente as potencialidades da matriz disciplinar na antropologia que fazemos no Brasil? Para mostrar o rumo que a disciplina tem tomado no seio da comunidade de seus profissionais, gostaria de me valer do mesmo recurso de que me vali na outra ocasião em que questionava sobre o que chamamos de antropologia brasileira. Retomo agora para consideração dois conceitos importantes, demarcadores do exercício de nossa disciplina, ou dois “mega-conceitos”, como diria Clifford Geertz: cultura e estrutura. Ao tomá-los, verificamos que há uma evidente polissemia, somente esclarecida quando procuramos relacioná-los com o paradigma em que estão inseridos. É assim que se pôde constatar – tomando os termos cultura e estrutura no interior de tradições lingüísticas específicas –, que na tra-

dição alemã observa-se dois sentidos claramente distintos: o de *Kultur*, referente à cultura enquanto um sistema de costumes e de elementos materiais produzidos em seu interior; e *Bildung*, como expressão “espiritual de um povo”. Essas duas palavras alemãs podem servir de referência no processo de formação da antropologia nos Estados Unidos da América se considerarmos o papel desempenhado por Franz Boas, certamente o seu “pai fundador” no final do século passado. Diria, portanto, que Boas pode ser considerado uma verdadeira “metáfora humana”, capaz de expressar esta distinção entre os dois significados de cultura. Senão, vejamos: é conhecida a sua correspondência com sua noiva, aliás, um verdadeiro diário de campo, ao tempo de suas investigações entre os Eskimos em 1883-1884. Na realização de sua etnografia descobre que a preocupação indígena com a formação do espírito do jovem índio era um traço que correspondia perfeitamente ao que se poderia reconhecer como *Bildung*! Entre surpreso e encantado com sua descoberta, ele descreve isso valendo-se da expressão “Herzensbildung”, ou, para uma tradução literal, “cultivo do coração”...⁹/ Pois bem. Se quisermos elaborar uma genealogia do paradigma culturalista encontraremos em Boas a própria ambiguidade da antropologia moderna norte-americana, ora voltada para o seu tradicional culturalismo, ora aberta para o seu desdobramento, a saber, para um novo paradigma – o interpretativista – também preocupado com a dimensão cultural, porém em uma acepção vinculada ao sentido de *Bildung*. Eu compreendo o binômio *Kultur/Bildung* como expressão de uma ambivalência, cuja história estamos testemunhando nos dias que correm. Tomando-se, agora, um segundo binômio, aquele

⁹/ Esse fato está analisado em Douglas Cole, “The value of a person lies in his Herzensbildung: Franz Boas’ Baffin Island Letter-Diary, 1883-1884”, in *Observers Observed: Essays on Ethnographic Fieldwork* (Edited by George W. Stocking Jr), Madison: The University of Wisconsin Press, 1983.

que se expressa pela equação *Structural/Structurale* – o primeiro termo nativo da antropologia britânica, o segundo igualmente nativo da antropologia francesa –, temos, respectivamente, a palavra estrutura como expressando o mega-conceito do paradigma estrutural-funcionalista britânico e o do estruturalismo de Lévi-Strauss. Considerando-se, assim, o relacionamento desses quatro conceitos que tendencialmente expressam quatro paradigmas abrigados na matriz disciplinar, podemos acompanhar o movimento que eles realizam no campo antropológico brasileiro. Infelizmente não há tempo aqui para examinarmos esse movimento dos conceitos, como pudemos fazer em outra oportunidade, quando examinamos o deslocamento de um conjunto de conceitos da Europa para a América Latina.^{10/} Todavia, podemos dizer – como conclusão desta exposição – que a antropologia no Brasil tende a atualizar criativamente a matriz disciplinar, tirando da tensão entre seus paradigmas e da dinâmica de seus mega-conceitos muito daquilo que poderíamos considerar como sendo uma “antropologia de ponta”. E não vejo nessa afirmação nenhum ufanismo menor... É uma constatação, aliás, que se pode observar em várias das antropologias periféricas, seja na América Latina, seja fora dela, como na Europa ou no Oriente Médio – como ocorre exemplarmente na Espanha e em Israel. Apesar das dificuldades que sempre encontramos, mas que não a ignoramos – particularmente as institucionais e financeiras –, vejo com muito otimismo o que está ocorrendo em nosso continente. E esse otimismo se justifica quando constato o interesse cada vez maior na América Latina sobre a avaliação da disciplina, seja em âmbito local ou regional, como demonstram vários dos textos aqui referidos, como os organizados por Lourdes Arizpe & Carlos Serrano

^{10/} Cf. R. Cardoso de Oliveira, “O movimento dos conceitos na Antropologia”, in *Revista de Antropologia*, vol.36, 1993, pp.13-31.

sobre o **Balance de la Antropología en América Latina y el Caribe** (1993); o editado por Esteban Krotz, **Aspectos de las Antropologías en América Latina** (1993); ou, ainda, o organizado por George Cerqueira Leite Zarur, **A Antropologia na América Latina** (1990) ou por Myriam Jimeno, **Antropología en Latinoamérica** (1996), além de estudos restritos a países específicos mas destinados a induzir uma reflexão teórica com alcance comparativo. Contam, dentre esses estudos, o interessantíssimo livro de Gonzalo Aguirre Beltran, **El Pensar y el Quehacer Antropológico en México** (1994); o de Manuel M. Marsal, **História de la Antropología Indigenista: México y Perú** (1986); o de Mariza Corrêa, **História da Antropologia no Brasil (1930-1960)** (1987); o de Segundo Moreno Yáñez, **Antropología Ecuatoriana: Pasado y Presente** (1992); e, compilado pelo mesmo Moreno Yáñez, **Antropología del Ecuador** (1989); acrescentando-se, ainda, nesta relação por certo incompleta, o volume coletivo sobre **Un Siglo de Investigación Social: Antropologia en Colombia** (1984), editado por Jaime Arocha Rodríguez & Nina S. de Friedemann. Algum etnógrafo mais obstinado poderia ver nisso uma certa dose de narcisismo inerente às comunidades profissionais, quando elas insistem em refletir sobre si mesmas em lugar de se devotarem exclusivamente ao estudo do Outro. Eu não vejo assim: pois como se limitar a estudar alteridades sem se dar conta do próprio campo semântico em que o investigador está inserido? Ou sem se examinar detidamente o horizonte através do qual se filtram todas as imagens que nosso olhar constrói sobre o Outro etnográfico? Na convicção de estarmos no rumo certo, é que temos dado prosseguimento ao programa de pesquisas e de reflexão sobre estilos de antropologia observáveis no que chamamos de periferia. Tanto assim que estamos programando uma mesa redonda sobre o mesmo tema a ter lugar na XXI Reunião Brasileira de Antropologia, a ser realizada em abril próximo, em Vitória, Espírito Santo. Entre o

Seminário sobre Estilos de Antropologia que realizamos em 1990 e a mesa redonda programada, algumas novas pesquisa foram feitas e acreditamos que será importante avaliarmos seus resultados – e para mim, especialmente, quando esses estudos mais recentes (alguns deles produzidos por jovens doutores) podem contribuir para a construção do que chamo de uma estilística da antropologia. O certo – e esse é um efeito secundário, mas não menos importante – é que na construção dessa estilística estamos estabelecendo estimulantes contatos entre diferentes antropologia periféricas ao mesmo tempo que estamos abrindo a possibilidade de serem criados fortes elos entre nossas respectivas comunidades de profissionais. Por isso, entendo que tanto do ponto de vista teórico quanto do ponto de vista prático, um programa de estudo comparado como o que estamos realizando sobre antropologias periféricas sempre poderá nos ajudar a ampliar o horizonte da antropologia que aqui realizamos, tornando-a mais internacionalizada – o que significa dizer, universalizável (como é próprio de disciplinas científicas) – sem que por isso tenha de perder sua singularidade que se manifesta no estilo com que a praticamos entre nós. Obrigado.

CURRICULUM VITAE
de
ROBERTO CARDOSO DE OLIVEIRA

I - FORMAÇÃO ACADÊMICA

Bacharel em Filosofia, pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, (1952).

Licenciado em Filosofia, pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, (1953).

Doutor em Ciências (Sociologia I), pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, (1966).

Estágio Pós-Doutoral no Department of Social Relations da Universidade de Harvard, EUA, (jan.1971-fev.1972).

II - FUNÇÕES E CARGOS ATUAIS

Professor Emérito do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), desde 30 de Setembro de 1997.

Professor Titular Visitante da Universidade de Brasília (UnB), lotado no seu Centro de Pós-graduação e Pesquisa para a América Latina e o Caribe (CEPPAC), desde 1º.08. 95.

Membro do Centro de Lógica, Epistemologia e História da Ciência (CLE/UNICAMP), desde 23.05.86.

Membro do *International Editorial Board* da revista *Ethnology: International Journal of Cultural and Social Anthropology*, Pittsburg, USA, desde 1980.

Membro do *Advisory Board* da *Cultural Survival Inc.* Cambrigde, USA, desde 1979.

Membro do Conselho Científico do Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Belém, Pará, desde 1984.

Membro do Comitê de Consultores da revista *RUNA*, da Faculdade de Filosofia y Letras da Universidad de Buenos Aires, desde 1984.

Membro do Conselho Científico da Revista Brasileira de História da Ciência (SBHC), desde 1991.

Membro da Comissão Editorial de *Idéias: Revista do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas*, da Unicamp, desde 1994.

Membro do Conselho Editorial de *Mana: Revista de Estudos em Antropologia Social*, do Museu Nacional da UFRJ, desde 1995.

Membro do Consejo de Honor de la *Fundación Mapfre América*, Madri, Espanha, desde 1994.

Membro Externo do Conselho Assessor do Mestrado em Antropologia Social da Universidade Nacional de Misiones, Argentina, desde 1995.

Membro Titular do Conselho Consultivo da *FINEP*, como representante da comunidade científica (indicado pela Academia Brasileira da Ciência e pela SBPC) desde 1995.

Membro do Comitê Editorial do *CNPq/FINEP*, a partir de 09 de junho de 1998.

III - FUNÇÕES CIENTÍFICAS E DOCENTES DESEMPENHADAS

Professor Titular Convocado (Aposentado) da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, desde 16.07.91 até 31.12.97.

Professor MS-6 (Titular) da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) de dezembro de 1984 até sua aposentadoria em agosto de 1990.

Professor Titular da Universidade de Brasília (de 1º-março-1972 a 3-março-1985).

Pesquisador Titular I/A, Bolsista do CNPq, de 1º.04.89 a 31.07.1997, na UNICAMP.

Professor Adjunto, nível 22, do Quadro único Permanente, do Museu Nacional, de 1969 a 1972.

Pesquisador em Antropologia do Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, de 1958 a 1969, quando da reclassificação de cargos da UFRJ.

Etnólogo Serviço de Proteção aos Índios (1954-58).

Professor Assistente "Curso de Aperfeiçoamento em Antropologia Cultural" (realizado no Museu do Índio e patrocinado pela Campanha de Aperfeiçoamento de Pessoal de nível Superior, 1955-56).

Professor Associado "Curso de Aperfeiçoamento de Pesquisadores Sociais" (realizado no Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais e patrocinado pela Campanha de Aperfeiçoamento de Pessoal de nível Superior, 1957-1958).

Professor "Curso de Especialização em Antropologia Social" (realizado no Museu Nacional e patrocinado pelo Instituto de Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1960-1962).

Vice-Presidente eleito do *Conseil International de la Philosophie et des Sciences Humaines* (UNESCO, Paris) de 1978 a 1979.

Presidente da Associação Brasileira de Antropologia (ABA) de 1984 a 1986.

Vice-presidente eleito da *International Union of Anthropological and Ethnological Sciences* (IUAES), de 1988 a 1993.

Presidente da Associação Latino Americana de Antropologia (ALA) de 1993 a 1997.

Executor do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (Convênio UnB/Fundação Ford) de 1972 a 1979.

Coordenador do Comitê de Ciências Sociais do CNPq, de 1975 a 1978-79 e 1989-90.

Presidente da Comissão Técnica Consultiva da CAPES, durante 1978.

Representante da SBPC na Comissão sobre o Desenvolvimento da Pesquisa Científica em áreas indígenas (Portaria 278, de 18.11.88 do MCT).

Membro da Comissão Fulbright/ANPOCS para intercâmbio de professores de Metodologia em Ciências Sociais, desde 1989.

Consultor do "*Harvard-Central Brazil Research Project*" (1963-1966).

Membro do Grupo de Trabalho, criado pela Academia Brasileira de Ciências, para examinar a questão do "Brain Drain", em 1966.

Vice-Presidente do Instituto de Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1966-1967; Membro do Conselho Diretor, de 1962-1967.

Membro do Conselho Nacional de Proteção aos Índios, desde 1961 (Diário Oficial de 04/08/1961) até sua extinção, 1968.

- Diretor do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFRJ (M/N Fundação Ford), de 1968 até 1970.
- Coordenador dos Programas de Pós-Graduação do Departamento de Antropologia do Museu Nacional (Portaria nº 17 de 04.09.1968).
- Diretor da Divisão de Antropologia do Museu Nacional, 1964/1969.
- Membro do Conselho Diretor da Fundação Nacional do Índio, 1968-1969.
- Research Associate in Social Relations* na Harvard University, 1971 (jan.)-1972 (fev.).
- Coordenador do Curso de Pós-Graduação em Antropologia Social da UnB.
- Chefe do Departamento de Ciências Sociais da UnB (1973-1975).
- Diretor do Instituto de Ciências Humanas da UnB (1976-1977).
- Professor Visitante do Centro de Investigaciones Superiores do INAH (México, DF) em seu Programa de Doutorado (agosto de 1979 janeiro de 1980).
- Membro do Conselho Indigenista da FUNAI (1968-69)
- Membro do Conselho Fiscal da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais, Rio de Janeiro, 1977-1980.
- "*Visiting Scholar*" no Departamento de Antropologia da Universidade de Harvard, Cambrigde, EEUU, Março-junho, 1983.
- "Corresponding Editor", do CURRENT ANTHROPOLOGY, USA, Canadá (Vancouver), (1976-1983).
- Membro da Comissão de Admissão e Acesso ao Quadro Docente da Universidade de Brasília (de março de 1981 a março de 1984).

Membro do Grupo de Assessoramento do CNPq para assuntos relacionados com a Expedição Científica "Jacques Cousteau" (9-Março-1982).

Membro da Missão Oficial da Secretaria de Planejamento da Presidência da República junto aos Setores Científicos dos Países da Bacia Amazônica (de 28-julho-81 a 27-agosto-81).

Diretor do Instituto de Ciências Humanas (IH) da Universidade de Brasília (3-outubro-1980 a 3-março-1985).

"*Visiting Scholar*" do Departamento de Antropologia da Universidade de Harvard (Cambridge, Massachussets, EUA) de outubro a novembro de 1986.

Membro da Comissão Nacional de Reformulação da Educação Superior (nomeado por Decreto Presidencial nº 91.177 de 29.03.85) de março a novembro de 1985.

Membro da "Comissão para Defesa da Universidade" da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciências (SBPC), de 1984 a 1985.

Coordenador do Curso de Doutorado em Ciências Sociais da UNICAMP de junho de 1986 a agosto de 1987.

Membro do Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado de São Paulo (CONDEPHAAT) de maio de 1987 a março de 1988.

Diretor da revista *Anuário Antropológico*, Edição Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro, de 1976 a 1985; e membro de seu Comitê Diretor, de 1986 a 1997.

Membro do *Committee of International Publications in Anthropology*, Canadá, de 1976 a 1980.

Membro da *Commission in Ethnocide and Genocide da I.U.A.E.S.*, Canadá, de 1974 a 1984.

Coordenador da Comissão de Pós-Graduação do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UNICAMP, de setembro de 1987 a outubro de 1988.

Assessor do Instituto Indigenista Interamericano (OEA) para a elaboração da política indigenista para o hemisfério, constante do plano Quinzenal do I.I.I.; consultoria realizada na cidade do México de 24 de agosto a 1º de setembro de 1990.

Membro da Comissão de Pós-Graduação da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (ANPOCS), 1986 a 1988.

Professor Visitante no Curso de Doutorado em Ciências Sociais (Convênio FLACSO/UnB) durante o segundo semestre de 1988.

Presidente da Comissão Julgadora do "Prêmio Érico Vannucci Mendes", por designação da SBPC/CNPq, em 1988.

Coordenador da Área Temática "História Intelectual e Etnografia da Ciência" (posteriormente renominada "Itinerários Intelectuais e Etnografia do Saber") do curso de Doutorado em Ciências Sociais da UNICAMP, 1985 a 1990.

Professor Visitante A, no Departamento de Antropologia do Museu Nacional, da Universidade Federal do Rio de Janeiro de 03.09.91 a 31.12.91.

Membro da Delegação constituída pelo Decreto (Ministério das Relações Exteriores) de 27 de março de 1991, para representar o Brasil na reunião técnica sobre a população ianomani, a celebrar em Caracas, Venezuela.

Professor Visitante da Universitat Autònoma de Barcelona, Espanha de janeiro a março de 1992, no Departamento de História das Sociedades Precapitalistas e de Antropologia Social.

Membro do Conselho Científico do Centro de Lógica, Epistemologia e História das Ciências (CLE-UNICAMP) de janeiro de 1988 a março de 1995.

Membro do Conselho Técnico-Científico do Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG/CNPq), de 16.09.88 a 31.10.95.

Professor Visitante do Curso de Pós-graduação do Departamento de Antropologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (USP), no 2º semestre de 1992 e no 2º semestre de 1996.

Membro do Conselho Editorial da Revista Brasileira de Ciências Sociais, órgão da ANPOCS, de 1991 a 1997.

IV - BOLSAS

Conselho Nacional de Pesquisas (CNPq) Chefe de Pesquisa (1966-1968).

Fundação Ford "Post doctoral Fellowship" (1971) at Harvard University.

CAPES Pós-doutoral para pesquisa na Maison des Sciences de l'Homme, Paris (1981).

CNPq Pós-Doutoral para pesquisa no Department of Anthropology, Harvard University, USA (1983).

FAPESP Pós-Doutoral para pesquisa no Department of Anthropology, Harvard University, USA (1986).

CNPq Bolsa de Pesquisa, nível de Pesquisador Titular I\A do CNPq desde 1989.

FAPESP/FUNCAMP Bolsa e Viagem de pesquisa para Barcelona, jan./fev. 1992, com apoio da Universitat Autònoma de Barcelona e do Consejo Superior de Investigaciones Cientificas em Barcelona.

V - SOCIEDADES E ORGANIZAÇÕES CIENTÍFICAS

Associação Brasileira de Antropologia, desde 1955, Tesoureiro (1955-1957), Secretário Geral (1963-1966), Membro do Conselho Científico (1966-1976), (1980-1984), (1986-1988), Presidente (1984-1986).

Société des Américanistas, desde 1960.

Membro do Subcomitê de Antropologia, Instituto Panamericano de Geografia e História, Comissão de História, Subcomitê de Antropologia (OEA), desde 1966.

Current Anthropology, desde 1961.

American Anthropological Association, desde 1971.

Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais, membro fundador (1977); Membro de um Conselho Fiscal (1977-1980).

Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) desde 1985.

Royal Anthropological Institute, "*Honorary Fellow*", desde 1989.

Associação Latino-Americana de Antropologia (ALA), desde 1990 [Presidente eleito em 1993, na Cidade do México, com mandato exercido até agosto de 1997].

VI - PESQUISAS DE CAMPO

Índios Terêna 1955 (cinco meses), 1957 (dois meses), 1958 (dois meses), 1960 (três meses).

Índios Tapirapé 1957 (dois meses).

Índios Tukuna 1959 (dois meses), 1962 (três meses), 1975 (um mês).

Índios Tarascos México, 1973 (três meses).

A Antropologia na Catalunha, Barcelona, Espanha, 1992 (dois meses).

VII - CONGRESSOS, SIMPÓSIOS E SEMINÁRIOS

IIIº Congresso Indigenista Interamericano, La Paz, Bolívia, 1954.

XXXIº Congresso Internacional de Americanistas, São Paulo.

IIª Reunião Brasileira de Antropologia, Salvador/BA, 1955.

IIIª Reunião Brasileira de Antropologia, Recife/PE, 1958. (Comunicação enviada).

Xª Reunião Brasileira para o Progresso da Ciência, São Paulo, 1958.

IIIº Congresso Nacional de Filosofia, São Paulo, 1959.

IVª Reunião Brasileira de Antropologia, Curitiba/PR, 1959.

Vª Reunião Brasileira de Antropologia, Belo Horizonte/MG, 1961.

IIº Encontro de Intelectuais (UNESCO), São Paulo, 1961.

Iº Encontro Regional de Sociólogos, Rio de Janeiro, 1962.

VIª Reunião Brasileira de Antropologia, São Paulo, 1963. (Coordenador do Simpósio sobre Sociedade Brasileira).

Jê Seminar, Harvard-Central Brazil Research Project, Harvard University, USA, 1966.

VIIª Reunião Brasileira de Antropologia, Belém/PA, 1966. (Comunicação enviada).

Reunión de Institutos y Centros Latinoamericanos de Investigación del Desarrollo (Caracas, 1966).

Reunión para la Integración de la Enseñanza en las Investigaciones Antropológicas (Wenner-Gren Foundation Symposium 38), Áustria, 1967.

- VI° Congresso Indigenista Interamericano, Pátzcuaro, México, 1968.
- IIª Reunión para la Integración de la Enseñanza en las Investigaciones Antropológicas (Wenner-Gren Foundation), México, DC., 1968.
- IX° Congresso Latinoamericano de Sociologia, México, DF, 1969.
- The Ongoing Evolution of Latin American Populations (Wenner-Gren Foundation Symposium 45), Áustria, 1969. (Comunicação enviada).
- Encontro sobre Pesquisas Sociais no Nordeste (Instituto de Filosofia e Ciências Humanas), Recife, 5-8 de junho de 1970.
- 70th Annual Meeting of the American Anthropology Association, New York, 18-21 november, 1971.
- I° Encontro de Coordenadores de Programas de Pós-Graduação em Ciências Sociais (Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 22-24 de janeiro de 1973).
- "23rd Annual Latin American Conference". University of Florida, 18-21 February, 1973.
- Simpósio "Proceso de Articulación Social", Instituto Torcuato de Tella/CLASCSO, Buenos Aires, Julho de 1974.
- Simpósio "Etnicidad u Identidad Etnica en America Latina" (Coordenador), XLI Congresso Internacional de Americanistas, México, DF, 2-7 de setembro de 1974.
- Mesa Redonda sobre "Antropologia da Ação: A Questão das Minorias" na 9ª Reunião de Antropologia, Florianópolis/SC, dezembro de 1974.
- Seminário Missões FUNAI, Manaus, abril de 1975 (presidiu duas sessões).
- III° Encontro Internacional de Cientistas Sociais, Maceió, julho de 1975.

Painel sobre "O Conhecimento nas Ciências Humanas", UnB, Brasília, outubro de 1975 (Coordenador dos Debates).

74th Annual Meeting, American Anthropological Association, San Francisco, USA, dezembro de 1975.

Encontro de Comitê de Assessores do CNPq, Teresópolis, outubro (26-28) de 1975.

Xª Reunião da Associação Brasileira de Antropologia, Salvador/BA, 23-27 de fevereiro de 1976 (com uma comunicação e uma presidência de sessão).

28ª Reunião da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, Brasília, 7-14 de julho de 1976, como debatedor num simpósio sobre Cultura Brasileira.

"Seminário sobre Institucionalização das Ciências Sociais no Brasil", IUPERJ, Rio de Janeiro (setembro) Presidente de Sessão (28-30/09/1977).

"Encontro de Programas de Pós-Graduação em Antropologia Social" (Ford Foundation), Rio de Janeiro, 12-13 de março de 1977 Coordenador.

"76th Annual Meeting of American Anthropological Association", 29 de novembro a 03 de dezembro de 1977, Houston, Texas, USA Convidado Especial pelo presidente da AAA.

Seminário A Pesquisa Etnológica do Brasil, Academia Brasileira de Letras, Rio de Janeiro, em 22 de junho de 1978, com a conferência "Identidade e Estrutura Social".

Reunião ordinária da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais, IUPERJ, Rio de Janeiro, em 22 de setembro de 1978, como membro de seu Conselho Fiscal.

Reunião do Bureau diretor do Conseil International de la Philosophie et des Sciences Humaines (UNESCO), Paris, 27-28 de novembro de 1978, como seu Vice-Presidente.

Comemoração do Dia do Índio (19 de abril de 1979) em Salvador/BA, patrocinada pela Universidade Federal da Bahia, com uma palestra sobre "Política Indigenista no Brasil".

Conferência sobre a "Questão Indígena", proferida no Curso de Etno-Linguística da CIS-INAH, em Pátzcuaro, Michoacan, México, em 06 de dezembro de 1979.

Conferência sobre "A Pós-Graduação em Antropologia no Brasil", proferida no Curso de Mestrado em Antropologia, em Zamora, Michoacan, em 08 de dezembro de 1979.

Reunión Técnica de Antropólogos e Arqueólogos da América Latina y el Caribe, patrocinada pela OEA e pelo Instituto indigenista Interamericano, realizada em Morelos, México, de 11 a 13 de dezembro de 1979.

Coordenador do Simpósio "Rumos da Antropologia Latinoamericana" da XIIª Reunião Brasileira de Antropologia, ABA, Rio de Janeiro, 14-17 de julho de 1980.

Presidente da 1ª sessão da Mesa Redonda intitulada "Algumas Avaliações da Política Indigenista" da XIIª Reunião Brasileira de Antropologia, ABA, Rio de Janeiro, 14-17 de julho de 1980.

Membro do Painel "A Fronteira Oeste no Brasil e nos Estados Unidos" do Seminário Estereótipo Cultural entre Brasil e Estados Unidos, realizada entre 8 e 12 de setembro de 1980 no Consulado Geral Americano do Rio de Janeiro.

Conferencista do Iº Seminário de Indigenismo, realizado pela Fundação Nacional do Índio, em Brasília, entre 19/09 a 03/10/80.

Presidiu e apresentou comunicação no Forum sobre Movimentos Indígenas, Mérida, México, em novembro de 1980.

Conferência sobre "Etnicidade na Amazônia Urbana", na Maison des Sciences de l'Homme, Paris, Janeiro de 1981.

Presidiu Simpósio "Etnia e Racismo" patrocinado pela EAFORD e realizado na UnB, em fevereiro de 1981.

Vice-Presidente da "Reunión de Expertos sobre Etno-desarrollo y Etnocídio en América Latina", organizada pela UNESCO com a colaboração da FLACSO e realizada em San Jose de Costa Rica, de 07 a 11 de dezembro de 1981.

Distinguished Lecturer (Fulbright Commission) in the Field of Anthropology April to may 1982.

Conferencista e Membro da Mesa Redonda "Teoria Antropológica" realizada na 14ª Reunião Brasileira de Antropologia, Brasília, 15-18 de abril de 1984.

Conferencista no 1º Encontro Interdisciplinar de Leitura realizado na Universidade Estadual de Londrina, de 28 de abril a 1º de maio de 1984.

Membro da Delegação Brasileira no "1º Encontro Científico e Tecnológico dos Países do Tratado de Cooperação Amazônica" (Belém, de 18 a 22 de novembro de 1984).

Reunião de Coordenadores de Áreas do Conhecimento, realizada na Secretaria da Educação Superior do Ministério de Educação e Cultura, destinada a discutir a sistemática de análise dos cursos de graduação universitária (26 e 27 de novembro de 1984).

Conferencista no "Curso de Especialização em Antropologia" da Universidade Federal de Goiás (Goiânia, de 29 a 31 de julho, 1985

Participação como Expositor do Tema Antropologia num dos "Eventos" do 9º Encontro Anual da ANPOCS, em 23 de outubro de 1985 em Águas de São Pedro/SP.

Conferencista da 1ª Reunião Regional dos Antropólogos do Nordeste, em 12 de novembro de 1985, na Fundação Joaquim Nabuco, em Recife/PE.

Palestra no Departamento de Ciências Sociais da UnB sobre o tema: "O que é isso que chamamos de Antropologia Brasileira", em 21.11.85.

Painelista na UnB em 21.11.85 (período da Tarde): Painel "A Universidade Brasileira Presente e Futuro".

Painelista no painel "Ciência e Tecnologia, Necessidades Sociais e Desenvolvimento Econômico", no Debate Nacional "Ciência e Tecnologia numa Sociedade Democrática" (Ministério de Ciência e Tecnologia, CNPq, FINEP), em Brasília, em 11 de dezembro de 1985.

Presidiu a 15ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada em Curitiba/PR, de 23 a 26 de março de 1986.

Conferencista no Seminário "Ordem e Desordem", no Centro de Lógica, Epistemologia e História da Ciência (CLE), em 19.11.86.

Palestra no Iº Seminário de Ciências Humanas do Museu Goeldi, Belém/PA, em 2 de dezembro de 1986.

Conferência de abertura do Seminário Latino-Americano de Antropologia (Brasília, 22/06/87), intitulada "Identidade e Diferença entre Antropologias Periféricas".

Iº Seminário Iberoamericano de Estudos Indigenistas (Sevilha, Espanha) com a comunicação "La Politización de la Identidad y el Movimiento Indígena", em dezembro de 1987.

Presidente da Mesa "Problemas da Construção Democrática" do Seminário Internacional A Perspectiva do século XXI, UNICAMP, Campinas, em 07 de julho de 1988.

Presidente da Comissão Julgadora do Prêmio Érico Vannucci Mendes de 1988 (SBPC/CNPq).

Participação no Painel A Antropologia Hoje, com o envio do Depoimento: Rememorando um Programa (Museu Nacional, Rio de Janeiro, 29.06.88).

Conferência de abertura do Ciclo As Ciências Humanas na Amazônia, intitulada "Sobre o Pensamento Antropológico", no Museu Paraense Emílio Goeldi, Belém, em 17 de fevereiro de 1989.

Participação na Reunião de Peritos da UNESCO destinada a assessoramento da entidade internacional relativamente à sua participação nas Comemorações do Vº Centenário do Encontro de Dois Mundos (Paris, 13 a 15 de março de 1989).

Palestra no Instituto de Economia da UNICAMP sobre o tema "A Questão Indígena na Atualidade Brasileira" (5 de dezembro de 1989).

Palestra no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFRS sobre o tema "O Problema Hermanêutico na Antropologia" (Porto Alegre, 30 de agosto de 1989).

Painel sobre as Perspectivas das Ciências Sociais (Expositor, ANPOCS, Gramado/RS, 1º de setembro de 1989).

Conferência no Instituto de Pesquisas Sociais da Fundação Joaquim Nabuco sobre o tema "O Saber e a Ética: A Pesquisa Científica como Instrumento de Conhecimento e de Transformação Social" (Recife, 26 de setembro de 1989).

Conferência no Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da UFRJ, sobre o tema "O Saber e a Ética" por ocasião da solenidade de recebimento do título de Doutor "Honoris Causa" (Rio de Janeiro, 05 de dezembro de 1989).

Painel sobre "A Crise dos Paradigmas nas Ciências Sociais", UNICAMP, (07 de dezembro de 1989).

Conferência no Centro de Investigaciones Superiores en Antropologia Social (CIESAS), México, em 30.08.1990, sob o título "O Saber, a Ética e a Ação Social".

Conferência no Museu Nacional (UFRJ), Rio de Janeiro, em 20 de setembro de 1990, sobre o tema "O Problema Hermanêutico na Antropologia".

Participação no Seminário Internacional "Desenvolvimento e Direitos Humanos: A Responsabilidade do Antropólogo", com a comunicação "Práticas Interétnicas e Moralidade", promovido pela ABA/UNICAMP em Campinas, em 05.04.90.

Organizador do Seminário "Estilos de Antropologia", patrocinado pelo CLE/IFCH e NUPEC/UnB, e expositor da comunicação "Notas sobre uma Estilística da Antropologia", Campinas, 10-11 de outubro de 1990.

Participação no Seminário sobre Identidad Cultural y Modernidad", em Barcelona, Espanha, sob o patrocínio de UNESCO, com a comunicação "Un Nuevo Modelo de Relaciones Interétnicas en Brasil", 27 a 30 de novembro de 1990.

Debatedor da sessão "Rebelião do Objeto" do Seminário Relações Sujeito-Objeto na Pesquisa Antropológica, Universidade de São Paulo, 1991.

Participação na mesa redonda "A importância da América Latina para a Antropologia no Brasil", na XVIIIª Reunião Brasileira de Antropologia/ABA, Belo Horizonte, em abril de 1992.

Conferência "El saber, la ética y la acción social" proferida na Universidade Autônoma de Barcelona, Espanha, em fevereiro de 1992.

Palestra "La História y la situación actual de la antropologia en Brasil", na Univesidade Autônoma de Barcelona, Espanha, em fevereiro de 1992.

Palestra sobre o "Problema hermenêutico na Antropologia", no Grupo de Teoria do Instituto de Estudos Avançados (I.E.A.) da Universidade de São Paulo, em 2 de outubro de 1992.

Conferência sobre "O Movimento dos Conceitos na Antropologia", realizada na sessão de abertura das comemorações dos 20 anos do PPGAS da UnB, em 4 de novembro de 1992.

Participação no Seminário "Entre el acontecimiento y la significación: el discurso sobre la cultura en el Nuevo Mundo" realizado em Tru-

jillo, Espanha, entre 10 e 16 de dezembro de 1992, com a comunicação "Las vicisitudes del concepto en América Latina".

Conferência sobre o tema "Indigenismo e Moralidade", realizada em 2 de dezembro de 1992 na Universidade Federal do Amazonas, em Manaus.

Palestra sobre o "Itinerário Intelectual de Roberto Cardoso de Oliveira", proferida na Universidade Federal do Amazonas em 3 de dezembro de 1992.

Palestra no CEBRAP, São Paulo, sobre "O Pensamento de Marcel Mauss", em 5 de abril de 1993.

Conferência ministrada em São João del Rei, MG, sobre o tema "O movimento dos conceitos na Antropologia", no dia 27 de maio de 1993, no âmbito do I Congresso de Ciências Humanas, Letras e Artes de Minas Gerais.

Palestra ministrada no Departamento de Antropologia da Universidade Federal do Paraná, em Curitiba, em 11 de junho, sobre o tema "O conceito de Antropologia".

Seminário sobre "O Pensamento Antropológico", realizado na Universidade Federal de Santa Catarina, em Florianópolis, em 14 de junho de 1993.

"Conferência Castro Faria": realizada a primeira dessas conferências, que serão anuais, criadas em homenagem ao 80 anos do Professor Luiz de Castro Faria. A conferência que realizei, versou sobre o tema "Antropologia e Moralidade" e realizou-se no Forum de Ciência e Cultura da Universidade Federal do Rio de Janeiro, na Praia Vermelha, em 5 de julho de 1993.

Participação como debatedor no Congresso "A Antropologia e suas Fronteiras", realizado na Universidade de São Paulo de 29 de setembro e 1 de outubro de 1993.

Conferência sobre "A Antropologia e a Crise dos Modelos Explicativos", realizada no âmbito do Congresso Ciência e Sociedade: A Crise dos Modelos, realizada em Curitiba, Paraná, em 19 de novembro de 1993.

Participação, através de envio da comunicação "Etnicidad y las posibilidades de la ética planetária", à sessão plenária do XIII Congresso Internacional de Ciências Antropológicas e Etnológicas, realizado na Cidade do México, entre 29 de julho e 5 de agosto de 1993.

Aula Inaugural de 1994 para os cursos do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UNICAMP, ministrada em 2 de março no Salão Nobre do Instituto.

Coordenação da Mesa Redonda "Organização do Campo Antropológico Latino-Americano", realizada em 28 de março de 1994 no âmbito da XIX Reunião Brasileira de Antropologia e promovida pela Associação Latino-Americana de Antropologia (ALA).

Convocou e presidiu a Ia. Reunião da Diretoria da ALA, relativa à sua gestão como presidente, no dia 29 de março de 1994, durante a XIX Reunião Brasileira de Antropologia.

Conferência intitulada "O Trabalho do Antropólogo: Olhar, Ouvir, Escrever" realizada na Fundação Joaquim Nabuco, no Seminário de Tropicologia, em 24 de maio de 1994 no Recife, Pernambuco.

Conferência intitulada "A Antropologia da Honra e a Ética Acadêmica", realizada na SBPC, no dia 20 de julho de 1994 em Vitória, Espírito Santo.

Conferência intitulada "O Trabalho do Antropólogo: Olhar, Ouvir, Escrever" realizada no Centro de Lógica, Epistemologia e História da Ciência (CLE, UNICAMP) em 26 de outubro de 1994, em Campinas.

Convocou e presidiu a IIa. Reunião da Diretoria da ALA, realizada em 7 de dezembro de 1994 na Cidade do México, onde se localiza a secretaria geral da entidade.

Ciclo de Conferências sobre *Epistemologia da Antropologia*, realizada no CIESAS-México, em dezembro de 1994.

Ciclo de Conferências sobre *Epistemologia da Antropologia*, realizada na Universidade de Buenos Aires, em outubro de 1994.

Ciclo de Conferências sobre *Epistemologia da Antropologia*, realizada na Universidade Nacional de Misiones, Posadas, Argentina, em abril de 1995.

Participação, na qualidade de comentador, do *Panorama da Antropologia Portuguesa*, promovido pela ABA e realizada no Rio de Janeiro em junho de 1995.

Conferência sobre *La Antropologia Latinoamericana y la "crisis" de los modelos explicativos*, realizada na Universidade Nacional de Colombia, Bogotá, em setembro de 1995.

Conferência sobre *O Lugar (ou em lugar) do Método*, no Colóquio Durkheim: Centenário das Regras do Método Sociológico, realizado na Universidade Federal do Paraná, Curitiba, em outubro de 1995.

Conferência sobre *Indigenismo e Moralidade* realizada no Museu Antropológico da Universidade Federal de Goiás, Goiania, em setembro de 1995.

Participação na Mesa Redonda em Homenagem Póstuma a Florestan Fernandes, realizada na Unicamp, em setembro de 1995.

Participação na IV Reunião do Grupo de Trabalho sobre Identidade na América Latina, CLACSO, realizada na Universidade de Brasília, em novembro de 1995.

Convocou uma Reunião Extraordinária da Associação Latinoamericana de Antropologia (ALA), na condição de seu Presidente, realizada no Centro de Pós-Graduação e Pesquisa sobre a América Latina e o Caribe (CEPPAC-UnB), Brasília, em novembro de 1995.

Conferência de Abertura da XX Reunião Brasileira de Antropologia (ABA), sobre o tema "*Etnicidade, Eticidade e Globalização*", realizada no Salão Nobre da Reitoria da Universidade Federal da Bahia, Salvador, em 14 de Abril de 1996.

Conferência de Abertura do Seminário Internacional "*Autonomias Étnicas y Estados Nacionales*", realizado em Oaxaca, México, de 25 a 27 de Junho de 1997, com o título "*Etnicidad, Eticidad y Globalización*".

Conferencia Magistral intitulada "*Antropologías Periféricas 'versus' Antropologías Centrales*" ministrada no 49º Congresso Internacional de Americanistas realizado em Quito, Ecuador, no dia 8 de Julho de 1997.

Presidiu o Forum sobre "*La Producción Antropológica y la Reproducción de la Comunidad Profesional de Antropólogos de América Latina*", realizada na manhã do dia 10 de Julho de 1997, durante o 49º Congresso Internacional de Americanistas (Quito, Ecuador).

Presidiu, em sua qualidade de Presidente da Associação Latino-Americana de Antropologia (ALA), a sua Assembléia Geral na tarde do dia 10 de Julho de 1997, realizada em Quito, Ecuador, no âmbito do 49º Congresso Internacional de Americanistas.

Conferência ministrada no V Congreso Argentino de Antropología Social, realizado no dia 29 de julho de 1997 na cidade de La Plata, Argentina, com o título "*Antropologías Periféricas 'versus' Antropologías Centrales*".

Conferência de Abertura do Seminário Eduardo Galvão, realizada no Museu Paraense "Emílio Goeldi", em Belém do Pará, no dia 02 de Setembro de 1997.

Palestra de Encerramento do Ciclo "*Panorama das Ciências Sociais*", ministrada na Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia da Universidade Federal de Goiás, em 12 de Novembro de 1997.

Participação, através do envio da comunicação "Sobre o Diálogo Intolerante", no Simpósio sobre Tolerância, organizado pela Universidade de São Paulo, sob os auspícios da UNESCO, em Novembro de 1997.

Presidiu a Mesa Redonda "Estilos de Antropologia" na XXI Reunião Brasileira de Antropologia, realizada em Vitória, Espírito Santo, em 7 de Abril de 1998.

Apresentou comunicação intitulada "Tükúna/1959: Excertos de um Diário de Campo" ao Seminário Os Ticunas Hoje: Encontro de Pesquisadores, realizado entre 25 e 27 de Maio de 1998 no Museu Nacional, Rio de Janeiro.

Ministrou o seminário "O Diálogo Interétnico e a Possibilidade de uma Ética Planetária" no *Lanche Acadêmico* do Centro de Pós-Graduação e Pesquisa sobre a América Latina e o Caribe (CEPPAC) da UnB, em 5 de Junho de 1998.

Comentador no *Seminário* Indigenismo na América Latina: O Estado da Arte, Coordenado por Alcida R. Ramos e realizado na Universidade de Brasília, nos dias 23 e 24 de Novembro de 1998.

VIII COORDENAÇÃO E REALIZAÇÃO DE PROJETOS

Estudo Comparativo das Sociedades Indígenas do Brasil, patrocinado pelo Conselho de Pesquisas da Universidade de Brasília, 1961-1964.

Estudo de Áreas de Fricção Interétnica no Brasil, patrocinado pelo Latin American Center for Research in the Social Sciences (UNESCO), 1962-1965.

Estudo do "Colonialismo Interno" no Brasil, patrocinado pelo Conselho Comparativo do Desenvolvimento Regional, patrocinado pela Fundação Ford nos termos do "Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social", realizado na Divisão de Antropologia do Museu Nacional.

Estrutura e Dinâmica dos Sistemas Interétnicos, patrocinado pelo Conselho de Pesquisas e Ensino para Graduados da UFRJ, 1970-1972.

A Construção do Objeto na Antropologia: horizontes epistemológicos, 1975-1984 (UnB, CAPES, CNPq).

Índios Citadinos: Identidade e Etnicidade em Manaus, patrocinado pelo Programa do Trópico Úmido (CNPq), 1980-1981.

Etnicidade na Amazônia Urbana: Estudo de Casos (CNPq/Museu Goeldi/UnB), 1983-1984.

Conhecimento Antropológico e Tradições Intelectuais (UNICAMP/FUNCAMP/FAPESP), 1985-1988.

Projeto L.Lévy-Bruhl: As Categorias de Representação e de Afetividade nas Origens do Pensamento Sociológico Francês (UNICAMP/CNPq), 1989.

Projeto "Estilos de Antropologia", patrocinado pelo CNPq, com auxílios da FAPESP e da FUNCAMP (1990-98).

Projeto "Identidade, Etnicidade e Nacionalidade em Fronteiras", em realização no Centro de Pós-Graduação e Pesquisa para a América Latina e o Caribe (CEPPAC/UnB), iniciado em 1997 [Em curso].

IX - BIBLIOGRAFIA

1955

"Relatório de uma investigação sobre terras em Mato Grosso, SPI/1954, Serviço de Proteção aos Índios, Rio de Janeiro, 1955, pp.173-184.

1957

"A Política Indigenista Brasileira e o Serviço de Proteção aos Índios", in **Revista Brasiliense**, nº 9, São Paulo, 1957, pp.72-87.

"Estudo de uma comunidade Terêna", in **Anais da IIª Reunião Brasileira de Antropologia**, Salvador, 1957, pp.201-204.

"Preliminares de uma Pesquisa sobre a Assimilação dos Terêna", em **Revista de Antropologia**, vol. 5, nº 2, São Paulo, 1957, pp.173-188.

O Índigena Brasileiro, Diafilme nº 2, série Histórica do Brasil. INCE/MEC.

1958

"Urbanização sem assimilação", **Ciência e Cultura** (SBPC), vol. X, nº 3, Rio de Janeiro, 1958, pp.130-132.

"Aspectos demográficos e ecológicos de uma comunidade Terêna", in **Boletim do Museu Nacional**, Antropologia N.S., nº 18, Rio de Janeiro, 1958, 22 pp. (Resumo publicado nos **Anais da IIIª Reunião Brasileira de Antropologia**, Recife, 1959).

(Resenha) Theory of Culture Change: The Methodology of Multilinear Evolution, Julian H. Steward, in **Educação e Ciências Sociais**, vol. 3, nº 7, Rio de Janeiro, 1958, pp.168-169.

(Resenha) The Theory of Social Structure, S.F.Nadel, in **Educação e Ciências Sociais**, vol. 3, nº 7, 1958, pp.165-167, Rio de Janeiro.

(Resenha) Antropologia Social, E.E. Evans-Pritchard, in **Educação e Ciências Sociais**, vol. 3, nº 7, Rio de Janeiro, 1958, pp. 169-170.

1959

"A Situação atual dos Tapirapé", in **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**, Antropologia N.S., nº 3, Belém, p. 11.

Matrimônio e Solidariedade Tribal Terêna: Uma Tentativa de Análise Estrutural", in **Revista de Antropologia**, vol. 7, nºs. 1 e 2 (volume duplo), São Paulo, pp. 31-48.

1960

(Livro) **O Processo de Assimilação dos Terêna**. Edição Museu Nacional, Série Livros I, Rio de Janeiro, 1960, p. 160.

"The role of Indian Posts in the Process of Assimilation: Two Case Studies", in **América Indígena**, vol. XX, nº 2, México, 1960, pp. 89-95.

1961

"Grupo Doméstico, Família e Parentesco: Idéias para uma pesquisa em Antropologia Social", in **Boletim do Museu Nacional**, Antropologia N.S., nº 19, Rio de Janeiro, 1961, p. 14.

"Aliança Inter-Clânica na Sociedade Tukuna", in **Revista de Antropologia**, vol. 9, n.ºs. 1 e 2 (volume duplo), São Paulo, 1961, pp. 15-35.

"Bases para uma Política Indigenista", in **Revista Brasileira de Estudos Políticos**, n.º 10, Belo Horizonte, 1961, pp. 130-159.

"A Propósito de uma Política Indigenista Ambígua", in **Diário de São Paulo**, (Seção Letras, Ciências e Artes, de 27.08.61), 4ª Seção, p. 4.

"A Situação dos Tukuna e a Proteção Oficial", in **Anhembi**, ano XI, n.º 132, vol. XLIV, São Paulo, 1961, pp. 471-477.

"Marriage and Terêna Tribal Solidarity", in **América Indígena**, XXI, n.º 3, 1961.

1962

"Estudo de Áreas de Fricção Interétnica no Brasil", in **América Latina**, ano V, n.º 3, Rio de Janeiro, 1962, pp. 85-90.

(Resenha) Structure and Sentiment, Rodney Needham, in **Revista do Instituto de Ciências Sociais**, vol. 1, n.º 2, Rio de Janeiro, 1962, pp. 195-197.

"Pós-Graduação em Antropologia no Museu Nacional", in **Revista do Instituto de Ciências Sociais**, vol. 1, n.º 1, Rio de Janeiro, 1962, pp. 237-350.

1963

"Aculturação e Fricção Interétnica", in **América Latina**, ano V, Rio de Janeiro, 1963, pp. 33-46.

(Resenha) A Política Indigenista Brasileira, Darcy Ribeiro, in **América Latina**, ano 6, nº 2, Rio de Janeiro, 1963, pp. 128-130.

Kuarup. Filme Etnográfico, INCE (Instituto Nacional do Cinema Educativo). Dirigido por H. Doerthman (Texto e nota etnográfica de R.C. de Oliveira), 1963.

1964

(Livro) **O Índio e o Mundo dos Brancos: A Situação dos Tukuna do Alto Solimões**. Difusão Européia do Livro. Coleção Corpo e Alma do Brasil, São Paulo, 1964, 143 pp.

"Totemismo Tukúna?", in **Beitragen zur Volkerkunde Sudamerikas** (Festgabe für Herbert Baldus zum 65. Geburtstag editor Hans Becher), Berlin, 1964, pp. 231-248.

"Combinatory Analysis" (com réplica de Joseph S. Berliner), in **Current Anthropology**, vol. 5, nº 2, Chicago, USA, 1964, pp. 104-105.

1965

"O Índio na Consciência Nacional", in **Comentário**, vol. 6, nº 2, Rio de Janeiro, 1965, pp. 126-131.

"Totemismo Tukúna?", in **Revista do Instituto de Ciências Sociais**, vol. 11, nº 1, Rio de Janeiro, 1965, pp. 5-22.

1966

"**Urbanização e Tribalismo: A Integração dos Terêna numa Sociedade de Classes**" (tese de doutorado edição mimeografada), 1966, 241 p.

"A Noção do Colonialismo Interno na Etnologia", in **Tempo Brasileiro**, ano IV, nº 8, Rio de Janeiro, 1966, pp. 105-112.

"O Dualismo Terêna", in **Revista do Museu Paulista**, nova Série, vol. XVI, São Paulo, 1965/66, pp. 255-262.

"O Índio na Consciência Nacional", in **América Indígena**, vol. XXVI, nº 1, México, 1966, pp. 45-52.

Prefácio do livro **Índios e Castanheiros**, de Roque de Barros Laraia e Roberto Augusto da Matta, Difusão Européia do Livro.

1967

"Área de Fricção interétnica na Amazônia", Comunicação feita à VIIª Reunião Brasileira de Antropologia (Belém, 1966), in **Atas do Simpósio sobre a Biota Amazônica**, vol. 2 (Antropologia), Rio de Janeiro, 1967, pp. 187-193.

"Problemas e Hipóteses relativos à Fricção Interétnica: Sugestões para uma Metodologia", in **Revista do Instituto de Ciências Sociais**, vol. IV, nº 1, Rio de Janeiro, 1967, pp.41-91.

"Estruturalismo e Estruturalistas na Antropologia Social", in **Tempo Brasileiro**, nºs. 15/16, Rio de Janeiro, 1967, pp. 85-86.

Apresentação do livro **Antropologia Estrutural**, de Claude Lévi-Strauss, trad. bras. **Tempo Brasileiro**, Rio de Janeiro, 1967.

"Informe" (Reunión para la Integración de la Enseanza en las Investigaciones Antropológicas Burg-Wartenstein, Áustria, julho-agosto, 1967), in **Anuário Indigenista**, vol. XXVII, dezembro, 1967, pp. 47-53.

1968

(Livro) **Urbanização e Tribalismo**. Zahar Editores, 1968, Rio de Janeiro, 237 pp.

"El Desarrollo de los Grupos Silvícolas del Brasil", (Informe à 7ª Seção: Indígenas de Áreas Ecológicas Especializadas, do 6º Congresso Indigenista Interamericano, Pátzcuaro, Michoacán, 15 a 21 de abril de 1968), in **Anuário Indigenista**, vol. XXVIII, México, 1968.

"Problemas e Hipóteses relativos à Fricção Interétnica: Sugestões para uma Metodologia", in **América Indígena**, vol. XVIII, nº 2, 1968, pp.339-388.

"Indigenismo ou Colonialismo?", in **Revista Civilização Brasileira**, ano IV, nº 19/20 (maio/agosto de 1968), pp. 169-178.

1969

Estudo Comparativo do Desenvolvimento Regional, ed. mimeo, 1969.

Interethnic Contact and the Study of Populations, (em colaboração com Luiz de Castro Faria), Burg Wartenstein Meeting, ed. Multilith, 1969.

"L'Indio nella coscienza nazionale", in **Aut-Aut**, nº 109-110, Milano, 1969, pp. 55-65.

1970

"Genetic Aspects of the Demography of Brazilian Terena Indians" (em cooperação com Francisco M. Salzano), in **Social Biology**, vol. 17, nº 3, Chicago, 1970, pp. 217-223.

"Por uma Sociologia do Campesinato Indígena no Brasil", in **Revista Mexicana de Sociologia**, vol. XXXII, n° 3, 1970.

"Totemismo Tukúna?", in **Mito e Linguagem Social** (vários autores), Edições Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro, 1970, pp. 52-64.

"Aculturação", in **Enciclopédia Delta-Larousse**, Edição 13, Rio de Janeiro.

1971

"Interethnic Contact and the Study of Populations", in **The Ongoing Evolution of Latin American Populations**, editor F.M. Salzano), Ch. Thomas Publ. 1971.

"Por uma Sociologia do Campesinato Indígena no Brasil", in **Universitas**, n° 06/07, Universidade Federal da Bahia, Salvador/BA, 1971.

"Identidade Étnica, Identificação e Manipulação", in **América Indígena**, (volume comemorativo de seu Trigésimo Aniversário), México, 1971, pp. 923-953.

1972

(Livro) **A Sociologia do Brasil Indígena**. Edições Tempo Brasileiro. Rio de Janeiro, 1972, 149 pp.

(Livro) Edição mexicana de **Urbanización y Tribalismo**, Ediciones Especiales (n° 63) do Instituto Indigenista Interamericano, México, 1972, 244 pp.

(Livro) 2ª edição brasileira de **O Índio e o Mundo dos Brancos**. Editora Pioneira, São Paulo, 1972, 139 pp.

"O Contacto Interétnico e o Estudo de Populações", (em co-autoria com L. de Castro Faria), in **Revista de Antropologia**, vol. 17-20 (1969/1972), pp. 31-48.

"Acomodação Regional dos Terêna no regime de Classes", in Florestan Fernandes (Editor), **Comunidade e Sociedade no Brasil**, Cia. Editora Nacional, pp. 35-45, 1972.

"Indigenismo ou Colonialismo", in **Revista Difusão**, Escola de Sociologia e Política de São Paulo, 1972.

1973

"Povos Indígenas e Mudança Sócio-Cultural na Amazônia", in **Trabalhos de Ciências Sociais**, Série Antropologia, Universidade de Brasília (mimeo), 1973.

"Um Conceito Antropológico de Identidade", in **Alter: Jornal de Estudos Psicodinâmicos**, vol. 3, nº 4, pp. 208-219, 1973.

1974

"Indigenous Peoples and Socio-Cultural Change in the Amazon Brazil, in **Man in Amazon** (Editor: Charles Wagley), Florida University Press, Gainesville, 1974.

"Processos de Articulação Étnica", **Trabalhos em Ciências Sociais**, Série Antropologia 7, Universidade de Brasília (mimeo), 1974.

"Povos Indígenas e Mudança Sócio-cultural na Amazônia", in **Debate & Crítica: Revista Semestral de Ciências Sociais**, nº 2, (Janeiro/Junho), pp. 133-160, 1974.

1975

"Possibilidades de uma Antropologia da Ação entre os Tukúna" (**Trabalhos de Ciências Sociais**, Série Antropologia nº 11), FUB, Brasília, 1975.

"Reconsiderando Etnia" **Trabalhos de Ciências Sociais**, Série Antropologia, nº 12, Universidade de Brasília, 1975.

1976

(Livro) **Identidade, Etnia e Estrutura Social**, São Paulo: Pioneira Editora, 1976, 118 pp.

(Livro) **Do Índio ao Bugre: O Processo de Assimilação dos Terêna** (2ª edição), Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora, 1976, 149 pp.

"O Papel dos Postos Indígenas no Processo de Assimilação: Estudos de dois casos", em **Leituras de Etnologia Brasileira** (Coordenador: Egon Schaden), Cia. Editora Nacional, São Paulo, pp. 448-454, 1976.

"Dualismo terêna", em **Leituras de Etnologia Brasileira**, op.cit., pp. 186-192, 1976.

Apresentação do livro de Claude Lévi-Strauss, **Antropologia Estrutural Dois**, trad. brasileira, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1976.

1977

"Possibilidad de una antropología de acción entre los Tuku-na", em **América Indígena**, vol. 37, nº 1, México, 1977, pp. 145-169.

"Articulación Interétnica en Brasil", em **Procesos de Articulación Social**, Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1977, pp. 282-304.

Prefácio do livro de Carlos Rodrigues Brandão, **Peões, Pretos e Congos**, Editora Universidade de Brasília/Gráfica do Livro Goiano, Goiás, 1977.

"Leitura de Mauss", em **Trabalhos de Ciências Sociais**, Série Antropologia n° 19, FUB, Brasília, 1977.

"O Mestrado em Antropologia da UnB", in Seminário sobre Aspectos e perspectivas de Institucionalização das Ciências Sociais (IUPERJ/ILDES), Rio de Janeiro (mimeo), 1977.

"Antropologia e Filosofia", in **Anuário Antropológico/76**, Edições Tempo Brasileiro Ltda, Rio de Janeiro, 1977, pp. 250-260.

"Leach e Lévi-Strauss", in **Anuário Antropológico/76**, 1977.

1978

"Positivismo e Construção de Modelos na Antropologia", **Anuário Antropológico/77**, Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro, pp. 173-82, 1978.

(Livro) **A Sociologia do Brasil Indígena**, Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro Ltda/Editora Universidade de Brasileira, (Segunda Edição revista e ampliada), 1978, 222 pp.

Prefácio ao livro de Margarida Maria Moura, **Os Herdeiros da Terra**, Hucitec, São Paulo, 1978.

1979

"Self-Fulfillment", in the **International Organizations for the Elimination of All Forms of Racial Discrimination**, London, pp. 6-11, 1979.

"Terêna", in **Caderno da Comissão Pró-Índio**, Global Editora, São Paulo, pp. 55-58, 1979.

"Terêna: A Poor Example of the Emancipatable indian", in **Brazil Special Report** (n° 1, December 1979), Cultural Survival Inc. Cambridge: pp. 40-42.

(Livro) **Marcel Mauss**, São Paulo: Editora Ática, 1979, 296 pp.

1980

Prefácio ao livro de Alcida Rita Ramos, **Hierarquia e Simbiose: Relações Intertribais no Brasil**, São Paulo: Hucitec, 1979.

"Identidade e Estrutura Social", in **Anuário Antropológico/78**, Rio de Janeiro, 1980, pp. 243-263.

Prefácio a **Índios Maxakali: Resistência ou Morte**, de Marcos M. Rubinger e Outros. Interlivros, Belo Horizonte, 1980.

1981

"Teses sobre Indigenismo Brasileiro", in **Anuário Antropológico/79**, Rio de Janeiro, 1981, pp. 121-178.

"Etnia e Estrutura de Classes", in **Anuário Antropológico/79**, Rio de Janeiro, 1981, pp. 57-78.

"Movimentos Indígenas y Indigenismo en Brasil" in **América Indígena**, vol. XLI, n° 03, 1981 (México), pp. 390-405.

"Indian Movements and Indianism in Brazil", in **News Letter**, Cultural Survival, Inc. (vol. 5, n° 1, Winter, 1981), Cambridge, pp. 12-13.

"Deve o Summer Permanecer no Brasil?", in **Religião e Sociedade** (julho, 1981), pp. 66-67.

1982

"O Enigma das Máscaras", in *Anuário Antropológico/80*, Rio de Janeiro, 1982, pp. 281-288.

Introdução ao Simpósio "Os Rumos da Antropologia na América Latina", in *Anuário Antropológico/80*, Rio de Janeiro, 1982, pp. 187-190.

(Livro) *O Índio e o Mundo dos Brancos*, Brasília: Editora Universidade de Brasília, (3ª edição), 1982, 131 pp.

1983

(Livro) *Enigmas e Soluções*, Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro Ltda, 1983, 208 pp.

"Sociedade Plural e Pluralismo Cultural no Brasil", in *Tempo Brasileiro*, nº 71 (número comemorativo da revista dos seus 20 anos), pp. 7-17, 1983.

"As 'categorias do entendimento' na formação da Antropologia", in *Anuário Antropológico/81*, Rio de Janeiro, 1983, pp. 125-146.

1984

"Entre o Estruturalismo e a Hermenêutica", in *Anuário Antropológico/82*, Rio de Janeiro, 1984, pp. 289-294.

"Plural Society and Cultural Pluralism", in *The Prospects for Plural Societies*, 1982, American Ethnological Society Proceedings, Washington, 1984, pp. 39-48.

"Tiempo y Tradición: Interpretando la Antropologia", in *RUNA*, vol. XIV, Buenos Aires, 1984, pp. 11-22.

"A 'categoria da causalidade' na formação da Antropologia", in **Trabalhos em Ciências Sociais**, série Antropológica n° 42, Fundação Universidade de Brasília, 1984.

"Leitura e Cultura de uma Perspectiva Antropológica", in **Anais do I° Encontro Interdisciplinar de Leitura**, Londrina, 1984, pp. 8-19.

1985

"A 'categoria da causalidade' na formação da Antropologia", in **Anuário Antropológico/83**, Rio de Janeiro, 1985, pp. 11-52.

"Tempo e Tradição: Interpretando a Antropologia", in **Anuário Antropológico/84**, Rio de Janeiro, 1985, pp. 191-203.

1986

"Mining and Indianism in Brazil", in **Cultural Survival Quarterly**, vol. 10, n° 1, Cambridge, Massachussets, 1986, pp. 27-28.

"Elogio da ABA", in **Anais da 15ª Reunião Brasileira de Antropologia**, Curitiba/PR, 1986, pp. 7-15.

"O que é isso que chamamos de Antropologia Brasileira?", in **Anuário Antropológico/85**, Rio de Janeiro, 1986, 227-246.

1987

"Teses sobre o Indigenismo Brasileiro", in **Cultura Brasileira: Temas e Situações** (org. Alfredo Bosi) Série Fundamentos S.Paulo: Editora Ática, 1987, pp. 191-198.

"A categoria da (des)ordem e a pós-modernidade da Antropologia", in **Pós-Modernidade** (Roberto Cardoso de Oliveira et all.), Coleção Viagens da Voz, Campinas, Editora UNICAMP, 1987, pp. 13-31, (2ª ed., 1988, 3ª ed., 1990, 4a.ed. 1992, 5a.ed. 1995).

Prefácio do livro **Entrosando: Questões Indígenas em Tefé** (de Priscila Faulhaber), Belém, Museu Paraense Emílio Goeldi, 1987.

Editorial do **Anuário Antropológico/86**, Editora Universidade de Brasília/Edições Tempo Brasileiro Ltda, 1988, pp. 9-10.

"Leitura e Cultura de uma Perspectiva Antropológica", in **Tempo Brasileiro**, 90 (julho-setembro de 1987) nº especial Reflexão e Participação/2. 25 anos, pp. 95-108.

1988

"A Categoria de (Des)Ordem e a Pós-Modernidade da Antropologia", in **Anuário Antropológico/86**, Editora Universidade de Brasília/Edições Tempo Brasileiro Ltda, 1988, pp.57-73.

(Livro) **A Crise do Indigenismo**, Campinas: Editora da UNICAMP, 1988, 96 pp.

(Livro) **Sobre o Pensamento Antropológico**. Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro Ltda./CNPq, 1988, 201 pp.

1990

"O Saber, a Ética, a Ação Social", in **Revista Manuscrito: Revista Internacional de Filosofia**, vol. XIII, nº 2, outubro, 1990.

"Práticas Interétnicas e Moralidade", in **Primeira Versão**, IFCH/UNICAMP, n° 21, 1990.

"Identidade e Diferença entre Antropologias Periféricas", em **A Antropologia na América Latina**, (Coord. George Cerqueira Leite Zarur) Publicação n° 448, Inst. Panamericano de Geografia e História, México, 1990, pp. 15-30.

"Un Nuevo Modelo de las Relaciones interétnicas em Brasil", em **Identidad Cultural y Modernidad: Nuevos Modelos de Relaciones Culturales**, Barcelona, 1990.

"La Politización de la Identidad y el movimiento Indígena", in **Indianismo e Indigenismo in America**, compilação de José Alcina Franch, Barcelona, 1990.

"Práticas Interétnicas y Moralidad: Por un indigenismo (auto)crítico" in **América Indígena**, México. vol. L, n° 4, outubro-dezembro de 1990, pp. 9-26.

1991

(Livro) **A Antropologia de Rivers**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1991, 279 pp.

(Livro) **Razão e Afetividade: O Pensamento de L. Lévy-Bruhl**, Campinas: Coleção CLE, Centro de Lógica, Epistemologia e História da Ciência/UNICAMP, 1991, 179 pp.

"An Interview with Roberto Cardoso de Oliveira" (realizada por Mariza Corrêa), in **Current Anthropology**, vol.32, n°3, June, 1991, pp.335-343.

Apresentação do livro de Mariza G.S.Peirano, **Uma Antropologia no Plural: Três Experiências Contemporâneas**. Brasília: Editora da UnB, 1991 (orelhas).

"Práticas Interétnicas e Moralidade", in **Desenvolvimento e Direitos Humanos: A Responsabilidade do Antropólogo** (orgs. A.A.Arantes, G.R.Ruben e G.G.Debert), Editora da UNICAMP, Campinas, 1992, pp. 55-66.

"Universalidade e Singularidade da Antropologia", in **Plural: Boletim da Associação Latino-Americana de Antropologia**, Campinas, 1992, pp.4-6.

"Rememorando um Programa", in **Antropologia Social, Comunicações do PPGAS, Museu Nacional, UFRJ**, n° 2, novembro 1992, pp. 45-46.

"Indigenismo e Moralidade", em **Tempo Brasileiro: Trinta anos de Vida (1962-1992)**, Rio de Janeiro, 1992, pp.41-55.

(Livro) **Etnicidad y Estructura Social**. México: CIESAS, 1992, 158 pp.

"Cultural Relativism and Philosophy: North and Latin American Perspectives", em **Manuscrito Revista Internacional de Filosofia**, vol., XVI, abril, pp. 207-216.

"Etnicidad y las posibilidades de la ética planetária", em **Antropológicas Revista de Difusión del Instituto de Investigaciones Antropológicas**, Universidad Nacional Autónoma de México, n° 8, outubro 1993, pp. 18-33.

"Un nuevo modelo de relaciones interétnicas en el Brasil", in **Hacia Nuevos Modelos de Relaciones Interculturales** (Org. por Guillermo Bonfil Batalla), México: Consejo Nacional para la Cultura y las Artes, 1993, pp.72-82.

"O movimento dos Conceitos na Antropologia", in **Revista de Antropologia**, vol. 36, 1993, pp. 13-31 .

"Dos Filósofos Europeus aos Índios Brasileiros" (Entrevista com Roberto Cardoso de Oliveira por Carlos Fausto, Yonne Leite, Carmen Weingrill e Vera Rita Costa), in **Ciência Hoje Revista da SBPC**, vol.15, nº88, 1993, pp.14-20.

1994

"A Antropologia e a 'Crise' dos Modelos Explicativos" em **Primeira Versão**, IFCH/UNICAMP, n.53, 1994, 26 pp.

"A Honra Acadêmica (ou Da Condição de Emérito)", in **Anuário Antropológico**, vol. 92, 1994, pp. 33-48.

"Antropologia e Moralidade", in **Revista Brasileira de Ciências Sociais (ANPOCS)**, vol.24, 1994, pp.110-121.

"Olhar, Ouvir, Escrever", in **Aula Inaugural**, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UNICAMP, 1994, pp.5-27.

"Apresentação" do livro **A Fenix de Abraão: Um estudo sobre Cristãos-Novos retornados ao Judaísmo de seus Ancestrais** (de Sonia Bloonfield Ramagem), Brasília: UnB, 1994, 144 pp.

1995

(Livro) **Estilos de Antropologia** (Organizador, com Guilherme R.Ruben). Campinas: Editora da Unicamp, 1995, 213 pp.

"A Dupla Interpretação na Antropologia", in **Anuário Antropológico**, 94, pp. 09-20.

"Identidade Catalã e Ideologia Étnica", in **Mana Revista de Estudos em Antropologia Social**, vol.1, n.1 (outubro), pp.09-47.

"O lugar (e em lugar) do Método", in **Série Antropologia**, n.190, Brasília: Departamento de Antropologia, UnB, pp.02-14.

"A Antropologia e a 'Crise' dos Modelos Explicativos", in **USP Estudos Avançados**, vol.9, n.25, pp.313-228.

"La politisation de l'identité et le mouvement indigène au Brésil", in **Recherches Ameridiennes au Québec**, vol.25, n.4.

"Etnicidade como Fator de Estilo", in **Cadernos de História e Filosofia da Ciência**, (CLE/Unicamp) série 3, vol.5, nºEspecial, 1995, pp.145-171.

1996

"Falando de Antropologia" (Entrevista com Roberto Cardoso de Oliveira por Luiz Donisete Bensi Grupioni e Maria Denise Fajardo Grupioni), in **Cadernos de Campo: Revista dos Alunos de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade de São Paulo**, n.ºs. 5 e 6, 1995/1996, pp.193-213.

(Livro) **O Índio e o Mundo dos Brancos**. 4a.Edição [Edição Comemorativa do Trigésimo Aniversário do Livro]. Campinas: Editora da Unicamp, 1996, 198 pp.

"Ethnicity: What Chance Global Ethics?", in **The Cultural Dimensions of Global Change: An Anthropological Approach** (Org. por Lourdes Arizpe). Paris: Unesco Publishing, 1996, pp.45-61.

"La Antropologia Latinoamericana y la 'Crisis' de los Modelos Explicativos: Paradigmas y Teorías", in **Maguare: Revista del Departamento de Antropologia. Universidade Nacional de Colombia**. ns.11-12, 1996, pp.09-23.

"O Ensino Antropológico de Florestan Fernandes: Recordações de um ex-aluno", in **Revista da USP**, nº29, 1996, pp.66-71.

"O Trabalho do Antropólogo: Olhar, Ouvir, Escrever", in *Revista de Antropologia*, vol.39, nº1, 1996, pp.13-37.

"Etnicitat i les possibilitats d'una ètica planetària", in *Revista d'etnologia de Catalunya*, nº8, 1996, pp.78-94.

"Etnicidade, Etnicidade e Globalização", in *Revista Brasileira de Ciências Sociais/ANPOCS*, Ano 11, nº32, 1996, pp.06-17.

(Livro) **Ensaaios Antropológicos sobre Moral e Ética** (em co-autoria com Luís R.Cardoso de Oliveira, Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro Ltda., Coleção Biblioteca Tempo Universitário 99, 1996, 188 pp.

Entrevista a Roberto Cardoso de Oliveira (por Claudia Guebel, Valeria Hernandez e Hugo Ratier), in *Publicar en Antropología y Ciencias Sociales*, año V, nº6, Diciembre, 1996, pp.89-100.

1997

(Livro) **Sobre o Pensamento Antropológico**. 2ª Edição. Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro Ltda., Coleção Biblioteca Tempo Universitário 83, 1997, 201 pp.

"Identidade, Etnicidade e Nacionalidade no Mercosul" in **Política Comparada Revista Brasiliense de Políticas Comparadas**, ano I, vol,I, nº2. 1997, pp.09-20.

Prefácio do livro **Gente de Costumbre y Gente de Razón: Las Identidades Étnicas en México**, de Miguel Alberto Bartolomé. México: Instituto Nacional Indigenista/Siglo Veintiuno Editores, 1997, pp.13-17.

"O lugar (e em lugar) do Método", in **Idéias Revista do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp**, ANO 4, nº 1/2, 1997, pp.137-178.

"Antropologías Periféricas *versus* Antropologías Centrales", in **Memórias**, Quito, Ecuador: Colección 49° I.C.A. n°1., 1997, pp.91-112.

"Sobre o Diálogo Intolerante" in **Revista Tempo Brasileiro** (Reflexão e Participação/4 35 Anos), n.130/131, Dezembro de 1997, pp. 31-38.

1998

(Livro) **O Trabalho do Antropólogo**. Brasília: Paralelo 15/Editora da UNESP, 1998, 220 pp.

Depoimento no volume **Cientistas do Brasil: depoimentos** (Edição Comemorativa dos 50 anos da SBPC), São Paulo: Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, 1998, pp.551-561.

"Etnicidad, Eticidad y Globalización", in **Autonomías étnicas y Estados nacionales** (Coordinadores: Miguel A. Bartolomé & Alicia M. Barabas). México: CONACULTA/INAH, 1998, pp.31-47.

A SAIR:

"Sobre o Diálogo Intolerante" (a sair por edição da UNESCO/USP).

"Tükúna/1959: Excertos de um Diário de Campo" (Comunicação de Abertura do **Seminário Os Ticunas Hoje: Encontro de Pesquisadores**. Museu Nacional, Rio de Janeiro, 25-27 de Maio de 1998 a sair pelo Museu Nacional).

X PRÊMIOS, DISTINÇÕES E HOMENAGENS

"**International Award for the Promotion of Human Understanding**", concedido pela *International Organization for the Elimination of All Forms of Racial Discrimination* (EAFORD), sediada em Londres; prêmio referente ao ano de 1978 (recebido) em solenidade pública em 05 de julho de 1979).

Medalha Comemorativa do XXX Aniversário do CNPq, concedida pela presidência do órgão em ofício de 24.12.81 (recebida em solenidade pública do mesmo ano).

Distinguished Lecturer (*Fulbright Commission*), 1982.

Vice-Presidente Honorário do 44º *Congresso Internacional de Americanistas* (5-10 de setembro de 1982); Manchester, Inglaterra.

"**Honorary Fellow**" (Membro Honorário) do *Royal Anthropological Institute of Great Britain and Ireland* (HFRAIGBI), eleito no "Council Meeting" em 19 de abril de 1989).

Doutor "Honoris Causa" pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, recebida em solenidade pública no Salão Nobre do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, no Rio de Janeiro, em 05 de dezembro de 1989.

"**Prêmio Anísio Teixeira**" concedido pela CAPES/MEC e recebido em solenidade pública no Palácio do Planalto, em Brasília, no dia 11 de julho de 1991.

Colaborador Emérito do Museu Paraense Emilio Goeldi, diploma recebido em 06/10/92 em solenidade pública, durante as comemorações dos 126 anos da instituição. Belém, Pará.

(livro): **Roberto Cardoso de Oliveira -Homenagem**. Orgs. Mariza Corrêa & Roque Laraia. Campinas: IFCH/UNICAMP, 1992, 185 pp.

Medalha Comemorativa "Estação Científica Ferreira Pena", Museu Goeldi/CNPq, entregue em solenidade pública em Caxiuana, em 8 de outubro de 1993.

Comendador da *Ordem Nacional do Mérito Científico*, por decreto de 05 de Junho de 1995, tendo recebido o diploma correspondente, assinado pelo Chanceler da *Ordem*, Ministro de Ciência e Tecnologia, Dr. José Israel Vargas, em 13 do mesmo mês em solenidade pública no Palácio do Planalto, em Brasília, das mãos do Presidente da República.

Placa de Agradecimento "pela notável contribuição em prol da pesquisa científica brasileira", oferecida pelo Museu Paraense Emílio Goeldi, em Belém, Pará, no encerramento do *Seminário Eduardo Galvão*, realizado entre os dias 2 e 5 de Setembro de 1997.

Professor Emérito do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), título homologado pelo Conselho Universitário em sua 54ª Sessão Ordinária, realizada em 30 de Setembro de 1997. A solenidade pública de entrega formal do título deu-se no Conselho Universitário no dia 19 de Março de 1998.

Premio Internazionale di Studi Etnoantropologici Pitrè Salomone Marino "Sigillo d'Oro" (Edizione 1997), concedido por Juri Internacional do *Centro Internazionale di Etnostoria* (Itália) e recebida em solenidade pública realizada no *Palazzo dei Normanni* (Sala Gialia), cidade de Palermo, em 19 Novembro de 1997.

Grã-Cruz da *Ordem Nacional do Mérito Científico* [como promoção da classe de **Comendador**] por Decreto de 15 de Outubro de 1998 (Diário Oficial da União de 16/10/98), insígnia recebida em solenidade pública no Palácio do Planalto, em Brasília, no dia 30 de Novembro de 1998.